



REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL



DIÁRIO DO CONGRESSO NACIONAL

ANO LXIII - Nº 005 - SEXTA-FEIRA, 14 DE MARÇO DE 2008 - BRASÍLIA-DF

MESA DO CONGRESSO NACIONAL

Presidente

Senador **GARIBALDI ALVES FILHO** – PMDB – RN

1º Vice-Presidente

Deputado **NARCIO RODRIGUES** – PSDB – MG

2º Vice-Presidente

Senador **ALVARO DIAS** – PSDB – PR

1º Secretário

Deputado **OSMAR SERRAGLIO** – PMDB – PR

2º Secretário

Senador **GERSON CAMATA** – PMDB – ES

3º Secretário

Deputado **WALDEMIR MOKA** – PMDB – MS

4º Secretário

Senador **MAGNO MALTA** – PR – ES

CONGRESSO NACIONAL

SUMÁRIO

1 – ATA DA 5ª SESSÃO CONJUNTA (SO- LENE), EM 13 DE MARÇO DE 2008

1.1 – ABERTURA

1.2 – FINALIDADE DA SESSÃO

Destinada a reverenciar a memória do Cardeal Dom Aloísio Lorscheider, ex-Arcebispo de Fortaleza e de Aparecida do Norte, de acordo com o Requerimento nº 20, de 2008, do Senador Tasso Jereissati e outros senhores senadores..... 626

1.2.1 – Fala da Presidência (Deputado Os- mar Serraglio)

1.2.2 – Oradores

Senador Tasso Jereissati	627
Deputado Mauro Benevides	629
Senadora Patrícia Saboya	631
Deputado Ciro Gomes	632
Senador Pedro Simon.....	633

Senador Mão Santa	636
Senador José Nery	637
Senador Inácio Arruda	640
Senador Flexa Ribeiro (Art. 203, do Regimento Interno do Senado Federal).....	643
Senador Romeu Tuma (Art. 203, do Regimento Interno do Senado Federal).....	644

1.3 – ENCERRAMENTO

CONGRESSO NACIONAL

2 – CONSELHO DA ORDEM DO CONGRES- SO NACIONAL

3 – CONSELHO DE COMUNICAÇÃO SO- CIAL

4 – REPRESENTAÇÃO BRASILEIRA NO PARLAMENTO DO MERCOSUL

5 – COMISSÃO MISTA DE CONTROLE DAS ATIVIDADES DE INTELIGÊNCIA (CCAI)

Ata da 5ª Sessão Conjunta (Solene), em 13 de março de 2008

2ª Sessão Legislativa Ordinária da 53ª Legislatura

Presidência do Sr. Osmar Serraglio

(Inicia-se a sessão às 10 horas e 25 minutos)

O SR. PRESIDENTE (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – Declaro aberta a sessão solene destinada a reverenciar a memória do Cardeal D. Aloísio Lorscheider, ex-Arcebispo de Aparecida do Norte e de Fortaleza, falecido no dia 23 de dezembro de 2007.

Convido para compor a Mesa dos trabalhos: o Exmo. Sr. Cardeal D. José Freire Falcão, Arcebispo Emérito de Brasília (*palmas*); S.Exa. Revma. Sr. D. Raymundo Damasceno, Arcebispo de Aparecida e Presidente da Conferência Episcopal Latino-Americana – CELAM (*palmas*); o Senador Tasso Jereissati; o Deputado Mauro Benevides (*palmas*); o Sr. Senador Pedro Simon (*palmas*); S.Exa. Revma. Sr. Frei João Inácio Müller, Provincial dos Franciscanos do Sul (*palmas*).

Ilustres integrantes da Mesa; Exmo. Sr. Cardeal D. José Freire Falcão; S.Exa. Revma. Sr. D. Raymundo Damasceno; Srs. Senadores Tasso Jereissati e Pedro Simon; Sr. Deputado Mauro Benevides; Sr. Frei João Inácio Müller, Senhoras e Senhores Embaixadores, demais membros do corpo diplomático, Sr. Ministro do Superior Tribunal de Justiça, Carlos Fernando Mathias; Sr. José Leite Nogueira, Conselheiro da Anunciatura Apostólica do Brasil; Revmo. Pe. Luiz Magela, Secretário-Geral Adjunto da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil – CNBB; Revmo. Pe. Ernani Pinheiro, Assessor da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil; Revmo. Monsenhor Marcony Vinícius Ferreira, Cura da Catedral e Vigário Geral da Arquidiocese de Brasília; Sras. e Srs. Senadores; Sras. e Srs. Deputados, meus cumprimentos.

Na condição de Primeiro Secretário do Congresso Nacional, sinto-me profundamente honrado em presidir esta sessão em que homenageamos este grande brasileiro que foi D. Aloísio Lorscheider, falecido no final do ano passado, aos 83 anos de idade.

Arcebispo Emérito de Aparecida, D. Aloísio foi um dos mais notáveis membros da Igreja Católica que nosso País já produziu. Nascido em Estrela, no Rio Grande do Sul, em 8 de outubro de 1924, desde cedo

ingressou no seminário, tendo se tomado padre aos 24 anos de idade. Em 1962 foi ordenado bispo, cargo em que teve destacada e irretocável atuação. Presidiu a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil – CNBB entre 1971 e 1979 e também o Conselho Episcopal Latino Americano – CELAM, entre 1976 e 1979.

No ano de 1973 D. Aloísio foi nomeado Cardeal Arcebispo de Fortaleza, onde permaneceu até 1995, ano em que, em virtude de alguns problemas de saúde, solicitou ao Papa João Paulo II sua transferência para uma diocese menor. Sua Santidade, então, nomeou-o Arcebispo de Aparecida, cargo que ocupou até os 75 anos de idade, ocasião em que foi obrigado a renunciar pelas regras da Igreja, embora tivesse vontade de continuar sua missão à frente daquela diocese.

D. Aloísio Lorscheider, apesar dos altos cargos que ocupou, sempre foi um homem simples e sempre esteve ao lado dos mais humildes, dos oprimidos. Tanto que passou seus últimos dias recolhido no Convento dos Franciscanos, em Porto Alegre, e, como era do seu desejo, seu funeral não teve honrarias. Foi sobretudo um combatente pela liberdade, durante o período da ditadura militar que governou o Brasil por quase 20 anos. Jamais se curvou perante as pressões dos poderosos. Tinha, sobretudo, a mais cristalina consciência da verdade e da fé, valores que sempre defendeu ao longo de toda sua vida. O Brasil ficou, certamente, mais pobre com o passamento de D. Aloísio. Pobre, porque estamos carentes de homens como ele em todos os postos da vida nacional, homens que tenham coragem de dizer aquilo que pensam, que tenham coragem de lutar pelo que acreditam e que, acima de tudo, tenham fé em si mesmo e fé em dias melhores para todo o nosso povo.

Muito obrigado. (*Palmas.*)

O SR. PRESIDENTE (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – Concedo a palavra ao nobre Senador Tasso Jereissati, subscritor do requerimento no Senado Federal. (*Palmas.*)

O SR. TASSO JEREISSATI (PSDB-CE. Sem revisão do orador.) – Sr. Deputado Osmar Serraglio, Primeiro-Secretário do Congresso Nacional; Cardeal D. José Falcão, Arcebispo Emérito de Brasília; D. Raymundo Damasceno, Arcebispo de Aparecida; Frei João Inácio Müller, Provincial da Ordem Franciscana do Rio Grande do Sul; Senador Pedro Simon e Deputado Mauro Benevides, subscritores desta homenagem; Sras. e Srs. Senadores; Sras. e Srs. Deputados; D. Edmilson, Pe. Evaristo, Pe. José Linhares e Irmã Crismanda Saraiva, os quais vieram do nosso Estado, o Ceará, para prestar esta homenagem ao nosso querido D. Aloísio.

D. Aloísio foi, acima de tudo, um homem de fé. Fé em Cristo, na sua mensagem de amor e justiça, verdadeiramente amando ao próximo como a si mesmo, sofrendo, vivendo e lutando por seus irmãos, especialmente os mais pobres. Fé na Igreja, na sua missão libertadora, no seu dever catequético, no seu mister de levar a palavra e a paixão de Cristo a todos, indistintamente, mas, sobretudo, fé no homem, fé na sua origem e suas potencialidades, na sua natureza divina e, conseqüentemente, nos propósitos de Deus para sua criatura, na possibilidade de um mundo de paz e prosperidade para todos.

Essa fé verdadeira, entretanto e portanto, não se limitava à sua atividade religiosa. Para D. Aloísio, servir a Deus era amar ao próximo, e amar ao próximo era, entre outras coisas, trabalhar pela realização dos seus direitos.

Tudo o que D. Aloísio fazia estava impregnado dessa fé. Além de um homem de oração, D. Aloísio era também homem de ação. Era um homem da Igreja, sim. A ela dedicou toda a sua vida, exercendo as mais altas funções eclesiais, como Presidente da Confederação Nacional dos Bispos do Brasil e do Conselho Episcopal Latino-Americano, em épocas especialmente difíceis, quando o continente convivia com regimes autoritários e a democracia ainda era um sonho.

Tal era a sua liderança na Igreja que chegou inclusive a ser votado no Concílio que elegeu D. Albino Luciani Papa João Paulo I, de quem se tornou muito próximo e que, inclusive, teria votado nele, D. Aloísio, no mesmo Concílio.

Ele não confirmava essa versão, mas todos nós sabemos que é verdadeira.

Sua brilhante inteligência e sua acurada formação filosófica moldaram um teólogo respeitado em todas as instâncias, dentro e fora da Igreja. Mas também era um homem do seu mundo e de seu tempo. Mesmo simpático à Teologia da Libertação, não enveredou por caminhos que levaram muitos de seus seguidores a

armadilhas ideológicas, produzindo distorções próprias da disputa partidária.

Para ele, a opção preferencial pelos pobres e o trabalho de conscientização política era verdadeiro instrumento de libertação da ignorância e da exploração, mas não poderia servir a outros interesses, especialmente a busca do poder pelo poder. Nesta seara, o que movia D. Aloísio era, inquestionavelmente, a sua crença nos desígnios divinos para nossas vidas. Essa fé inquebrantável não permitia a D. Aloísio uma postura passiva, de confortável recolhimento e contemplação da realidade, em fria indiferença em relação às questões ditas mundanas.

Para ele o verdadeiro amor ao próximo se traduzia em atitude, exigia a tomada de posição contra o pecado da injustiça, do arbítrio e da violência.

Para ele fraternidade e solidariedade não se resumiam no socorro aos doentes, no acolhimento dos famintos, na oração pelos que sofrem ou no perdão dos pecadores.

O Sr. Ciro Gomes (Bloco/PSB – CE) – Senador Tasso Jereissati, V.Exa. me permite um aparte?

O SR. TASSO JEREISSATI (PSDB – CE) – Claro, com muita honra, Deputado Ciro Gomes.

O Sr. Ciro Gomes (Bloco/PSB – CE) – Eu me arrisco a quebrar aqui um pouco o protocolo, interrompendo a brilhante oração de V.Exa., mas não poderia me furtar, sendo esta uma sessão do Congresso e sendo a razão de ser desta nossa reunião em reverência à memória desse grande e extraordinário homem, brasileiro e do mundo, que é D. Aloísio Lorscheider, de somar, modestamente, a minha voz, que dirá sempre muito tenuemente do extraordinário apreço, admiração, respeito, gratidão que todos nós brasileiros, especialmente os cearenses, temos por essa figura extraordinária, o qual, na fé que todos cultivamos, deve estar nos assistindo na imortalidade que conquistou por um testemunho de vida. Todos nós, cearenses, devemos muito ao nosso Revmo. Cardeal D. Aloísio Lorscheider. Quero, emocionado, somar a minha voz às homenagens que esta Casa faz pela voz brilhante de V.Exa. Muito obrigado.

O Sr. Arthur Virgílio (PSDB – AM) – Senador Tasso Jereissati.

O SR. TASSO JEREISSATI (PSDB – CE) – Muito obrigado, Deputado Ciro Gomes. Seu testemunho, mais do que sua palavra, enriquece esta homenagem que nós, cearenses, também prestamos a Dom Aloísio.

Ouçó o nobre Senador Arthur Virgílio.

O Sr. Arthur Virgílio (PSDB – AM) – Senador Tasso Jereissati, após o belo discurso do Deputado Ciro Gomes, eu, que sou amazonense e, de certa forma, descendente dos seus avoengos, dos seus ante-

passados, acabei me sentindo mais cearense do que nunca. É fundamental V.Exa. registrar mesmo a postura do democrata. V.Exa., um homem culto, cosmopolita, talvez seja mais culto e mais cosmopolita ainda quando mergulha – e V.Exa. sempre o faz – nas suas raízes cearenses. V.Exa. repete o poeta Fernando Pessoa quando diz que o rio mais bonito do mundo é o rio que banha a sociedade, precisamente porque é o rio que banha a sociedade. V.Exa. fala de alguém que já foi cogitado para ser Papa — eu sou católico praticante como V.Exa. V.Exa. fala de um homem que defendeu o tempo inteiro os direitos humanos sem se imiscuir em queixumes ideológico-partidários. V.Exa. fala de saudades, e fala com a propriedade do cearense, como o fez o Deputado Ciro Gomes. Eu, na condição de brasileiro, acorri à sessão, quando percebi que esse era o tema, para dizer que, nos anos de chumbo, foi muito importante termos pessoas capazes da interlocução a que se dispunha D. Aloísio e, ao mesmo tempo, capazes da resistência que ele sabia propor a si mesmo, sem perder a cabeça em nenhum momento e procurando encontrar o melhor caminho para o seu povo. Poucos como ele souberam levar as suas ovelhas a destino tão seguro. Pelo menos essa era a sua intenção. Parabênz V.Exa. pelo discurso e, mais, pela iniciativa de ter proposto esta sessão conjunta, muito bem presidida pelo Deputado Osmar Serraglio, que resgata o grande líder religioso, resgata o grande líder civil e nos faz lembrar de tempos que não voltarão mais ao País. Muito obrigado, Senador Tasso Jereissati.

O SR. TASSO JEREISSATI (PSDB – CE) – Muito obrigado, Senador Arthur Virgílio, pela atuação sempre marcante.

Além de tudo isso, de todas essas posições que praticava com fervor, era mais do que necessário, era natural compartilhar, compartilhar da dor e do sofrimento, mas também das alegrias e do regozijo. Conviver no sentido próprio da palavra, viver com. E os que com ele viveram, especialmente os mais pobres, o amavam como a um pai.

Esse amor recíproco, essa autêntica comunhão com os fiéis, fez de D. Aloísio uma pastor adorado por seu rebanho. As pessoas sentiam e buscavam sua força, dele se aproximavam, quase que intuitivamente, como que querendo beber daquele espírito iluminado que a todos cativava.

Apesar de seu temperamento sereno, sua presença era marcante, uma figura que impunha sua natural autoridade, advinda do seu interior compromisso com a verdade e da sua inabalável firmeza de caráter. Sua humildade, aquela genuína humildade que só habita os realmente grandes de espírito, assim como o aproximava dos mais simples, impunha respeito aos

poderosos de plantão e era capaz de desarmar os espíritos mais belicosos.

Mesmo nos momentos de extrema gravidade, como no episódio em que foi tomado como refém por criminosos na revolta de um presídio, em Fortaleza – na época era Governador o Deputado Ciro Gomes –, ali, literalmente com uma faca no pescoço, D. Aloísio demonstrou aos olhos do mundo sua enorme coragem e firmeza, conduzindo as negociações com sabedoria, tranquilidade e, acima de tudo, uma impressionante e firme disposição de dar a sua própria vida para proteger os reféns e amotinados, até mesmo aquele que o ameaçava.

Não creio possa haver maior prova de desprendimento e mais sincera demonstração de atendimento ao mandamento de amor ao próximo.

Tive a sorte e o imenso privilégio de conviver com D. Aloísio. Sou testemunha de sua grandeza, do que ele representou para o Brasil e muito especialmente para nós, cearenses. Desde a sua luta pela liberdade e pelos direitos humanos – os quais o Senador Arthur Virgílio destacou tão bem aqui – nos momentos mais duros da repressão política, passando pela organização das comunidades eclesiais de base, pela luta por reforma agrária e pela intermediação dos justos anseios dos mais diversos movimentos sociais.

Não poderia realmente haver melhor interlocutor.

D. Aloísio sempre foi uma voz serena, mas firme, conciliadora, mas intransigente, na defesa dos princípios da justiça e da dignidade humana. Uma voz que, por mais privilegiado que fossem os foros, seja nos salões do Vaticano, nas catedrais, palácios ou instituições governamentais, era sempre ouvida com respeito e admiração. Em parte por suas especialíssimas qualidades como ser humano e como sacerdote, mas, sobretudo, pelo unânime reconhecimento de sua grandiosa obra, que ele considerava apenas uma eloqüente amostra do que nós, simples indivíduos, inspirados por Deus, podemos produzir em favor de nossos iguais.

Hoje D. Aloísio intercede por nós no Alto, junto ao Pai Amantíssimo, o qual acolhe um filho que o amou e serviu a sua Igreja acima de todas as coisas.

Penso que a maior homenagem que podemos fazer a D. Aloísio é honrarmos seu exemplo. É dele lembrarmos, recorrermos mesmo, no sentido espiritual, para que nos guie em nossas decisões diárias, em nossas aflições cotidianas.

Que seu espírito nos ilumine e acompanhe, pois fazendo isso, Sr. Presidente, senhoras e senhores, teremos a certeza de estar praticando o bem, na nossa humilde proporção, dando um passo mínimo na dire-

ção da santidade, seguindo as marcas do caminho já largamente percorrido por D. Aloísio.

Ao finalizar essas minhas palavras, digo que não conheci, em toda minha vida pública, um homem maior do que D. Aloísio Lorscheider. Representa para mim um dos grandes privilégios da minha vida ter tido a oportunidade da convivência com D. Aloísio Lorscheider.

A sua importância na história do nosso Ceará ainda será reconhecida como o grande transformador da mentalidade social e política e da consciência cristã no Estado do Ceará. A sua presença marcou uma verdadeira mudança de trajetória na organização e na consciência dos direitos das comunidades mais pobres, mais marginalizadas em nosso Estado e em nossa região.

Seu exemplo teve uma enorme influência na minha vida pessoal e política. Sei da seriedade do que vou dizer, mas, do meu ponto de vista, se tive oportunidade de conviver com um homem santo, esse homem chamava-se D. Aloísio.

Muito obrigado. (*Palmas.*)

O SR. PRESIDENTE (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – Informo ao Plenário que D. Raymundo Damasceno, o qual faz parte da Mesa, também está representando a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil – CNBB.

Concedo, a palavra ao nobre Deputado Mauro Benevides, que falará pela Câmara dos Deputados.

O SR. MAURO BENEVIDES (Bloco/PMDB-CE. Sem revisão do orador.) – Exmo. Sr. Deputado Osmar Serraglio, Primeiro-Secretário da Mesa do Congresso Nacional, uma das figuras exponenciais do Parlamento brasileira, representante do Estado do Paraná; Exmo. Sr. Cardeal D. José Freire Falcão, Arcebispo Emérito de Brasília; Revmo. D. Raymundo Damasceno de Assis, Arcebispo de Aparecida do Norte, representante da Confederação Nacional dos Bispos do Brasil e do Conselho Episcopal Latino-Americano, o qual chegou a presidir há pouco tempo, numa demonstração comprovada do seu tirocínio e, sobretudo, da sua permanente atualização com tudo aquilo que possa representar o segmento das diretrizes da Igreja Católica em nosso País; Revmo. Frei João Inácio, representante da Congregação da Ordem Franciscana, o qual conviveu tão proximamente com D. Aloísio Lorscheider no início da sua trajetória, sobretudo quando ele, num momento crítico, permaneceu albergado em um dos conventos da Ordem Franciscana no Rio Grande do Sul; meu caro companheiro de lutas parlamentares, de partido, Senador Pedro Simon, uma das figuras excepcionais da vida pública no País pelo seu apego permanente e inarredável a princípios éticos que o projeta como uma personalidade de escol no cenário da política brasileira;

Exmo Sr. Ministro Carlos Mathias, do Superior Tribunal de Justiça; Exmo. Sr. Embaixador Jerônimo Moscardo de Souza, cearense ilustre, que conviveu também com D. Aloísio Lorscheider e que hoje tem a responsabilidade de presidir a Fundação Alexandre Gusmão, do Itamaraty; Exmo. e Rvmo. D. Edmilson Cruz, Bispo Emérito de Limoeiro do Norte, Diocese por onde D. José Freire Falcão, hoje Cardeal Emérito de Brasília, iniciou a sua trajetória no episcopado brasileiro, daí se deslocando para Teresina até chegar à Capital da República e aqui realizar um extraordinário trabalho de evangelização; caro colega e ex-Governador, Tasso Jereissati, autor do requerimento, no âmbito do Senado, de convocação desta sessão solene, da mesma forma como ocorreu com o Senador Pedro Simon. Queria saudar também, dentre os presentes, duas damas que aqui estão, a Senadora Patrícia Saboya e a Sra. Renata Jereissati, que conviveram muito de perto com D. Aloísio e o ajudaram na concretização de políticas sociais de alta relevância para o Estado do Ceará. Exmos. Srs. Senadores, Exmos. Srs. Deputados, Revmo. Pe. Aleixo, que é um dos expoentes da intelectualidade brasileira, integrando a nossa universidade; Revmo. Pe. Ernani, que faz a coordenação entre o Congresso e a CNBB e sabe fazê-lo com extraordinária competência, nos mantendo, portanto, vinculados a essa instituição que congrega todo o episcopado do País; demais religiosos aqui presentes, ilustres convidados, Deputados presentes.

Saúdo também o eminente colega, Senador Ciro Gomes, que, como Governador do Estado, foi um participante constante nas atividades de D. Aloísio, ajudando-o a cumprir sempre melhor as suas atribuições como pastor que levou a cabo um trabalho extraordinário à frente da Arquidiocese de Fortaleza. Demais ilustres convidados, representantes do clero brasiliense, senhoras e senhores. Naturalmente saúdo também, neste momento, os telespectadores da *TV Senado* e das outras televisões, sobretudo os do Canal 5, *TV Educativa* do Ceará, e os das duas outras televisões, eminentemente católicas, que retransmitem essa justíssima homenagem que se presta hoje à memória imperecível do grande e saudoso D. Aloísio Lorscheider.

A fim de investir-se na Chefia da Província Eclesiástica do Ceará, chegava a Fortaleza, em 1973, D. Aloísio Lorscheider, cercado da expectativa dos meios católicos e demais segmentos da opinião pública do Estado. Tratava-se de um antístite de invejável projeção em consequência de atitudes firmes, corajosas e, sobretudo, coerentes, em defesa das liberdades públicas, com prevalência por arraigados sentimentos de cidadania. Aureolado por um invulgar prestígio de sacerdote altivo, estava sempre pronto a enfrentar os

percalços de suas atribuições pastorais, e projetar-se, merecidamente no âmbito nacional. Daí se considerou privilégio vê-lo alçado à Arquidiocese com a missão de cumprir fecundo apostolado evangelizador.

A concelebração que enriqueceu a solene posse na Catedral Metropolitana reuniu mais de 30 bispos e duas centenas de padres em uma cerimônia inesquecível na qual, senhoras e senhores, ilustres convidados, se identificava o conterrâneo D. Hélder Câmara, alvo de calorosas palmas que estrugiram, entusiasticamente, nas dependências daquele grandioso templo de orações. O arcebispo de Recife e Olinda e o novo titular que se empossava estiveram sempre irmanados nas lutas incessantes voltadas à reconquista do Estado Democrático do Direito.

O cardinalato chegou-lhe pouco depois, conferindo-lhe nível hierárquico que lhe permitia acesso ao Papa, na condição de partícipe de concílios temáticos e dos conclaves que elegeriam o sucessor de Pedro no Vaticano. No pleito de efêmero primado de João Paulo e no de João Paulo II, perdurou a hipotética versão da lembrança do seu nome para o Sumo Pontificado, graças à excepcional clarividência e a outros inúmeros atributos, indispensáveis à direção máxima do rebanho católico.

Nada disso, senhoras e senhores, alterou a sua conduta serena e magnânima, entregando-se ao serviço do Povo de Deus, com incomparável abnegação, de que é prova o carinho como estimulava a Pastoral Carcerária, a 20 quilômetros de Fortaleza.

Concedo um aparte, com imenso prazer, ao eminente colega Deputado e Padre José Linhares, que também conviveu muito proximamente com D. Aloísio Lorscheider não apenas no Ceará, mas também na Europa, quando o Padre José Linhares ali realizava um curso de doutoramento teológico, o que lhe valeu bastante para o exercício do seu múnus sacerdotal e naturalmente no desempenho sempre correto e coerente das suas atividades como representante do povo do Ceará no Congresso Nacional.

Portanto, é com imensa honra que concedo um aparte a V.Exa.

O Sr. José Linhares (PP –CE) – Nobre Deputado Mauro Benevides, associe-me às palavras de V.Exa., palavras que traduzem o sentimento e sobretudo a emoção que este momento traz para todos nós, cearenses. A iniciativa feliz dos nobres Senadores Tasso Jereissati e Pedro Simon, juntamente com V.Exa., de certo modo marca, aqui, dentro do nosso Congresso Nacional, um momento que ficará inesquecível em nossos Anais. D. Aloísio, para mim, era simultaneamente o apóstolo e o missionário. E esse seu lema episcopal: *Na Cruz, a Salvação e a Vida*, ele soube encarnar

no dia-a-dia de sua existência. Na salvação, como alguém que estava sempre de coração e braços abertos para colher e para recolher todos aqueles que dele se aproximavam. E a vida. Quem se aproximava de D. Aloísio sentia-se perto de alguém que estava sempre celebrando a plenitude da vida. E em sentindo a plenitude da vida, ele não só perdia a dimensão terrena, mas não esquecia a dimensão transcendental. Quero cumprimentar V.Exa. ao tempo em que me associo à solenidade e à justa homenagem que o Congresso Nacional presta a sua memória. D. Aloísio, certamente, encontra-se aqui entre nós. Muito obrigado, nobre Deputado Mauro Benevides.

O SR. MAURO BENEVIDES (Bloco/PMDB – CE)

– Deputado José Linhares, expresso a V.Exa. os meus agradecimentos pela sua intervenção, que naturalmente ilustra este modesto discurso e sobretudo porque V.Exa. invoca aquele lema que D. Aloísio sempre proclamava e exibia, que aqui está nesse painel: *Na Cruz, a Salvação e a Vida*.

Essa lembrança naturalmente faz com que nós continuemos a admirar e a respeitar a figura inoldável do grande cardeal, do grande arcebispo, do grande pastor, que foi Aloísio Lorscheider.

Dizia, então, Sr. Presidente, que, 2 dias depois daquele seqüestro relâmpago, D. Aloísio voltava ao local hostil e, num gesto de humildade, lavou os pés de alguns detentos que endossaram a revoltante e abusiva agressão.

D. Aloísio crescia aos olhos do mundo em face da repercussão que a mídia se encarregou de emprestar ao afã pertinaz a que esteve entregue inflexivelmente na prática da caridade entre os que se reeducavam para uma almejada ressocialização capaz de reconduzi-los ao convívio da coletividade. Recentemente, em ato solene no Palácio Iracema, patroneado pela Defensoria-Geral e pela Secretaria de Justiça, no breve improvisado que então proferi, arranquei emocionados aplausos dos presentes à simples menção do nome do ilustre e eminente gaúcho que hoje desfruta do reino da bem-aventurança.

Sr. Presidente Osmar Serraglio, Sras. e Srs. Congressistas, ilustres autoridades, ao longo de minha vida pública, sempre postulei as fervorosas orações de D. Aloísio para que me mantivesse fiel a princípios éticos indispensáveis ao complexo desempenho das funções legiferantes.

Nunca deixei de fazer ressoar das tribunas do Congresso as entrevistas na CNBB sobre temas da atualidade, bem assim as mensagens inspiradoras de seguidas Campanhas da Fraternidade.

O atroz sofrimento vivido ao enfrentar cirurgias de alto risco era sempre acompanhado por correntes

de oração, com os participantes rezando por sua sobrevivência, uma vez que todos os seus atos se direcionavam ao bem dos semelhantes.

Sr. Presidente, Sras. e Srs. Congressistas, Frei Jorge Hartmann, responsável pelo Convento Monte Alverne, em Porto Alegre, onde D. Aloísio iniciou a longa caminhada sob a égide na Ordem Franciscana, ao mencionar o agravamento do precário estado de saúde do prelado, disse que ele permaneceu proferindo palestras e rascunhando livros, os quais pretendia remeter ao prelo, a fim de torná-los alvo de consultas permanentes de religiosos e até mesmo do público laico.

O Cardeal de São Paulo, D. Odilo Scherer, em declarações recentes à imprensa, ressaltou que D. Aloísio Lorscheider sempre *“foi uma referência preciosa para o serviço desenvolvido na Igreja, admirado que era por sua inteligência e santidade”*. E arrematou o sucessor de D. Cláudio Hummes: *“foi um grande bispo e um competente teólogo”*.

Professor de Teologia Dogmática no Pontifício Ateneu Antoniano, na Itália, foi nomeado Bispo da Diocese de Santo Ângelo, no Rio Grande do Sul, quando deixou como marca indelével o seu inextinguível empenho pastoral.

Na condição de membro da Comissão Teológica da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, entre 1971 e 1978, exerceu a Vice-Presidência do CELAM e, logo depois, a Presidência, cargo hoje ocupado por D. Damasceno, além de haver sido participante destacado da 3ª Conferência Geral daquele órgão, levada a efeito em Puebla, quando foram assentadas diretrizes atualizadas para a atuação da Igreja a partir daquele período.

O escritor cearense Marcelo Gurgel Silva reuniu uma série de depoimentos sobre o saudoso Cardeal, entre os quais se encontram artigos do Senador Tasso Jereissati e um de minha lavra, apontando a vivência santificante de alguém predestinado a servir à fé, na disseminação das verdades emanadas dos textos sagrados.

Já seriamente enfermo, de forma estóica resistiu, afirmando, com plena tranqüilidade de consciência, que aguardava apenas o chamado de Deus.

Certa vez, angustiado com a precariedade da ainda presente estrutura prisional, afirmou a um grupo de jornalistas, em tom refletido e pausado:

“Ninguém de sadio juízo pode suportar o tratamento desumano que os nossos presidiários recebem. No meu entender, para isso, falta vontade política. A sociedade tem muita responsabilidade nos encargos de ressocialização”.

É esse o pensamento lúcido de alguém que, convivendo, com uma realidade gritantemente adversa na Pastoral Carcerária, preconiza reformulação imediata das precaríssimas condições das penitenciárias do País.

Exemplo disso, senhoras e senhores, foi a reação espontânea ocorrida, na semana anterior – relembro esse fato também com profunda emoção -, no Estádio Castelão, local escolhido para o encerramento de nova etapa do Queremos Deus, quando uma massa superior a 60 mil pessoas, em silente compunção, lembrou a personalidade impoluta do inesquecível metropolitano, prorrompendo em ovação contagiante, que a todos envolveu contritamente.

Perdeu a Igreja um vulto exponencial, e o País um filho notável, cuja memória haverá de ser sempre lembrada por todos nós e pelas gerações porvindouras.

Não nos surpreenderemos se, em razoável prazo – e aqui vai um vaticínio, um prognóstico -, diante das inflexíveis normas do rito canônico, o nome de D. Aloísio Lorscheider despontar no caminho da beatificação, graças às incontáveis virtudes e extremo devotamento à causa da Igreja no curso de um frutuoso e benfazejo sacerdócio.

A Câmara dos Deputados e o Senado Federal não poderiam deixar de irmanar-se nesta reverente homenagem a quem soube desempenhar o seu múnus episcopal com insuperada abnegação, o que nos obriga a render-lhe, como ora o fazemos, preito de eterna saudade e respeitosa admiração. Que Deus o tenha na mansão dos justos, pois ele bem o merece ungido que sempre foi pelas bênçãos celestiais.

Muito obrigado. (Palmas.)

O SR. PRESIDENTE (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – Próxima oradora inscrita, S.Exa. Senadora Patrícia Saboya, a quem concedo a palavra.

A SRA. PATRÍCIA SABOYA (PSB-CE. Sem revisão da oradora.) – Sr. Presidente, Deputado Osmar Serraglio, que nos dá a honra de presidir esta sessão, Sras. e Srs. Congressistas, senhoras e senhores, gostaria de cumprimentar as autoridades aqui presentes na pessoa de D. Edmilson Cruz, do Padre Evaristo, da Profa. Tânia Couto e da Irmã Crismanda Saraiva.

Na pessoa do Padre José Linhares, cumprimento todos os Parlamentares cearenses, meus conterrâneos, em especial o Senador Tasso Jereissati e o Deputado Mauro Benevides.

Quero ainda cumprimentar D. José Falcão, Frei João Inácio Müller, D. Raymundo Damasceno, o querido Senador Pedro Simon, que me deu o privilégio de falar em seu horário, tendo em vista viagem que farei em seguida ao meu Estado.

Na verdade, trago um pouco do meu conhecimento, da minha admiração, do meu respeito e do amor

de todos nós, brasileiros, a um homem que nos legou grande exemplo de amor ao próximo.

D. Aloisio Lorscheider sempre manteve intensa atividade pastoral, voltado para os excluídos, os mais pobres e os mais sofredores. Costumava visitar, como lembrou tão bem o Deputado Mauro Benevides, os presídios de Fortaleza, onde certa vez chegou a ser feito refém por detentos rebelados.

Lembro-me de que, na ocasião, o Deputado Ciro Gomes, então Governador do Estado do Ceará, e o Senador Tasso Jereissati muito se empenharam para a solução de tão difícil e delicado episódio. D. Aloísio nos deu mais uma lição ao permanecer praticamente 18 horas naquela situação, porque pediu que fosse o último refém a ser liberado. E esse episódio não o impediu que, menos de um mês depois, lá estivesse novamente em visita aos presídios. Essa é outra prova do grande amor, seriedade e coragem que o caracterizam.

Essa mesma coragem se fez presente no plano político, quando vivíamos os momentos mais dramáticos do período autoritário. A voz de D. Aloísio se ergueu sempre contra a violência e na defesa do perseguidos. S.Revma. abrigou vítimas da ditadura e, nos limites estreitos impostos pelo regime, lutou pela volta do Estado Democrático de Direito. Em um período de silêncios, levantou sua voz para abordar o mais proibido dos temas e denunciou a tortura, então praticada rotineiramente na repressão política.

Ajudou S.Revma. a estruturar a comissão bipartite que se tomaria o principal canal de comunicação entre os militares então no poder e a sociedade civil. Operando sigilosamente, essa comissão muito fez para atenuar a repressão. D. Aloísio foi um de seus principais participantes, conduzindo as pesadas negociações. Religiosos e militares se colocavam frente a frente, levando suas próprias agendas. Embora a comissão tivesse função apenas oficiosa, alertou a sociedade para os problemas institucionais então vigentes no País e, com certeza, salvou muitas vidas. Só muitos anos depois, soube-se do importantíssimo papel que D. Aloísio desempenhou nos anos de chumbo.

S.Revma. nunca deixou de externar suas posições, por mais polêmicas que pudessem ser. No plano eclesiástico, chegou a admitir a ordenação de padres casados. No plano político, foi sempre um dos principais defensores dos direitos humanos e dos avanços sociais. Muitas vezes, seus desaforos aos poderosos lhe renderam incontáveis ameaças de morte – teve 2 cachorros envenenados e uma bomba explodiu no jardim de sua casa. Em outra ocasião, 3 homens armados tentaram entrar em seu quarto, mas foram descobertos a tempo.

Como Arcebispo de Fortaleza, empunhou as bandeiras da reforma agrária, da melhor distribuição de renda e da assistência aos desassistidos – que, na verdade, foram as bandeiras de toda a sua vida.

Sras. e Srs. Senadores e Deputados, ao final destas palavras, quero agradecer a V.Exas. a oportunidade de estar aqui, repartindo momento tão sublime e delicado na reverência à memória de um homem tão importante, tão generoso e ao mesmo tempo tão forte e corajoso.

Parabéns ao Senador Tasso Jereissati e ao Deputado Mauro Benevides pela iniciativa de homenagear a memória de um dos maiores brasileiros, uma das pessoas que mais lutou pelos menos favorecidos, pelas injustiças sociais, pelas crianças, pelos jovens, para tirar de vez por todas os excluídos dessa marginalização tão perversa, que mata e que destrói famílias.

Foi sua voz tão forte, determinada e corajosa, que possibilitou que muitas vidas fossem salvas, que muitos pudessem se recuperar e entrar novamente no caminho do bem, de um mundo melhor, de um País mais justo, mais livre, onde homens e mulheres, jovens, crianças e principalmente os mais idosos fossem respeitados.

Parabéns a todos que fazem essa solenidade hoje e, em nome do meu Estado, o Ceará, trago esse abraço de todo o povo que tanto o amou, reverenciou e que tanto sente a saudade da sua presença aqui conosco.

Que Deus o abençoe.

Muito obrigado, Sr. Presidente. (*Palmas.*)

O SR. PRESIDENTE (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – Concedo a palavra a S.Exa. Deputado Ciro Gomes.

O SR. CIRO GOMES (Bloco/PSB-CE. Sem revisão do orador.) – Exmo. Sr. Deputado Osmar Serraglio, que preside esta sessão do Congresso Nacional, em boa hora requerida pelo eminente Senador Tasso Jereissati, para aqui prestarmos nossa modesta, porém mercedíssima homenagem a esse que, para mim, é um dos maiores brasileiros de todos os tempos.

Cumprimento os dignitários da Igreja Católica que honram a mesa de Ruy: D. Raimundo Damasceno, Arcebispo de Aparecida; D. José Falcão, Arcebispo Emérito de Brasília, e D. Edmilson Cruz, estimado cearense a quem também devemos homenagear muitas vezes ainda em vida, porque, se justas são todas as referências a D. Aloísio Lorscheider, e elas são justíssimas, S.Revma. é outro desses que têm a obra ainda viva e que por muitos anos ainda viverá – é o meu augúrio -, e na pessoa de quem cumprimento os demais representantes da Igreja aqui presentes.

Saúdo as Sras. e os Srs. Senadores e as Sras. e os Srs. Deputados por intermédio do eminente Senador Pedro Simon e do estimado e grande Deputado cearense Mauro Benevides.

Aventure-me, Sr. Presidente, a ocupar a tribuna de Ruy, depois das palavras tão bem postas e das brilhantes orações dos que me antecederam, superando o acanhamento de ocupar este espaço, porque considero que esta iniciativa tem duplo sentido, como têm as homenagens que as civilizações maduras procuram prestar aos seus maiores – um sentido profundo, transcendente de gratidão, de reconhecimento. Ainda se repetir tudo o que foi dito da vida viva do Cardeal Aloísio Lorscheider, direi pouco, mesmo abordando apenas a dimensão do pastor, que quero pessoalizar, falando pelos muitos cearenses que me deram a honra de estar nesta tribuna.

Dirigindo ele próprio o seu fusquinha nas suas visitas pastorais, D. Aloísio iniciou o seu trabalho no Ceará, vindo das terras da fronteira gaúcha, talvez já contaminado pela contradição da desigualdade social também existente no Rio Grande do Sul, que, na metade sul, conhece graves indicadores de pobreza e de desigualdade. Chegou S.Revma. ao Ceará no momento em que a vida do País ali se espelhava talvez de forma mais rude e mais caricata ainda.

Qualquer rudimento de organização comunitária era logo reprimido menos pelo braço onipresente do período autoritário, e mais por relações de trabalho e de produção ainda amarradas a tempos feudais. E D. Aloísio semeou naquele chão, o semi-árido, um chão raso, de afloramento rochoso, onde o capricho da chuva não diz quando vem ou quando deixará de vir. Apesar disso, em rápidos tempos, esse homem conseguiu fazer germinar árvores frondosas ou, talvez devesse dizer, gramíneas generosas, fruto da semente grandiosa que trouxe consigo – e não estou obrigado senão a dizer o que sentem os cearenses, portanto qualquer exagero será debitado na conta da imensa gratidão e da imensa saudade que sentimos de D. Aloísio.

Não haveria o Ceará moderno, digo eu, sob minha responsabilidade, não haveria as importantes transformações socioeconômicas ali registradas, não fosse essa semeadura, não fosse essa militância, não fossem a coragem e a valentia serena expressada na voz doce de D. Aloísio Lorscheider.

Portanto, o duplo sentido que mencionei no início desta minha pálida oração era esse, o de, olhando ao passado, dizermos aqui e tantas e quantas vezes possamos fazê-lo da imensa gratidão, da imorredoura homenagem, do imenso apreço que temos por D. Aloísio Lorscheider, pela sua obra pastoral, pela sua obra mundana, pela sua exemplar atitude de, tendo

intransigência, dela não fazer senão um instrumento catalisador do diálogo.

Sr. Presidente, já me encaminho para encerrar esta fala, feita em nome dos cearenses, embora qualquer brasileiro também devesse ter como referência esse homem, esse sacerdote, esse líder político, na acepção mais nobre e alta que a expressão possa ter. As civilizações maduras convocam esse tipo de homenagem não só para referir o passo da sociedade, para gerar encômios, para expressar gratidão e imortalizar quem de fato merece nas páginas dos anais e agora nos *bits* e *bites* das transmissões de televisão e de Internet – e a até a *TV Ceará* está aqui presente, fazendo com que os cearenses partilhem deste momento -, mas também com um sentido algo egoísta, se algo de positivo possa haver nesta palavra tão surrada.

E precisamos muito disso, tanto mais no Brasil, que ainda não é uma civilização amadurecida na inteira grandeza do que aspiramos e lutamos para fazer. Civilizações ainda não maduras como a nossa precisam imortalizar essas pessoas raras, essas figuras originais e únicas para delas tirar – e aí o sentindo superior da palavra “egoísmo” – o exemplo de que tanto carecemos nestes tempos terríveis que vivemos, tempos em que a violência espeta o medo no coração da família brasileira; tempos em que a repressão já não é mais tosca e confrontável, com endereço certo, mas em que os malefícios da tortura indiscriminada, seja pela fome, seja pela desigualdade, seja pela prepotência, seja pela mentira na política, seja pela imoralidade, ainda demandam muito mais, talvez menos claramente do que no passado, que, medíocres que somos, imitemos a grandeza das sandálias desse grande pastor.

Muito obrigado a todos. (*Palmas.*)

O SR. PRESIDENTE (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – Concedo a palavra a S.Exa. o Senador Pedro Simon, subscritor do requerimento de realização desta sessão solene em homenagem a D. Aloísio Lorscheider.

O SR. PEDRO SIMON (PMDB-RS. Sem revisão do orador.) – Prezado Presidente, companheiro e amigo Deputado Osmar Serraglio; eminentíssimo e querido Cardeal D. José Freire Falcão; D. Raymundo Damasceno, Arcebispo de Aparecida, grande companheiro; Revmo. Pe. Luiz Majella Delgado, Subsecretário-Adjunto-Geral da CNBB; querido Pe. Ernane Pinheiro, nosso representante na CNBB; Sr. Embaixador Jerônimo Moscardo, Presidente da Fundação Alexandre de Gusmão; querido Frei Müller, Superior dos Franciscanos no meu Estado, o Rio Grande do Sul; ilustre e brilhante Monsenhor Marconi, Cura da Igreja de Porto Alegre; bravos companheiros Tasso Jereissati e Mauro Benevides, autores do requerimento de realização

desta homenagem; representantes do corpo eclesiástico e do corpo diplomático; Sras. e Srs. Parlamentares, senhoras e senhores, na vida, quase sempre, há um patamar a que as pessoas almejam chegar. E isso ocorre em todas as profissões, no esporte, na política, na religião. Esse patamar é o do comandante, do presidente, do cacique, do cardeal.

Muitas vezes, nem mesmo é necessário alcançar os graus superiores, basta ser lembrado. Por exemplo, no caso de um filme, receber uma indicação para o Oscar já é o suficiente para, em cartazes com letras garrafais, ser apresentado como *“indicado para o prêmio de melhor diretor”*, ou *“melhor roteiro adaptado”*, ou *“melhor ator”* ou *“melhor filme”*.

Algo semelhante ocorre com os designados pelos partidos políticos a cargos majoritários, com os escritores indicados para as academias – e temos aqui 2 acadêmicos, José Sarney e Marco Maciel -, com os professores que concorrem às reitorias, com os juristas que disputam indicação para os tribunais superiores, e assim por diante.

Fico imaginando o que passa pela cabeça de alguém quando é indicado para ser Sumo Pontífice, o Papa, o supremo mandatário da Igreja Católica. De repente, o dom de se tornar infalível aos olhos de seus seguidores. Imaginem, então, o cartaz!

Pois bem. D. Aloísio Lorscheider foi, até aqui, o único brasileiro a ter o seu nome lembrado para ser Papa. Nada mais natural para um cardeal – e o senhor sabe disso -, representante da maior comunidade católica do mundo. Ainda mais, em se tratando de um dos mais profundos conhecedores de assuntos teológicos do seu tempo. E que, repente, vê a possibilidade de se tornar o representante de Jesus Cristo ou o continuador da obra de São Pedro, ingredientes, portanto, capazes de acionar todos os mecanismos humanos de uma possível vaidade.

O mundo voltou-se para aquele sacerdote nascido no pequeno lugarejo chamado Picada Geraldo, Município de Estrela, no Rio Grande do Sul. De repente, a sua história de luta pela democracia e pelos direitos mais fundamentais do ser humano, uma luta travada principalmente nos chamados anos de chumbo, tomou-se manchete em todo o mundo.

Há aí, portanto, todas as tintas para o melhor cartaz.

D. Aloísio, porém, era um franciscano na melhor das concepções. A vaidade jamais foi um ingrediente de sua vida, esta inteiramente dedicada aos que têm fome e sede de justiça.

Não foi eleito papa, mas recebeu o voto do eleito. A um passo da infalibilidade, João Paulo I confidenciou ter votado em D. Aloísio. Mais do que isso, ao que tudo

indica, se não tivesse morrido apenas 33 dias depois de sua eleição, teria escolhido D. Aloísio para o cargo de Secretário de Estado do Vaticano, considerado o segundo em importância na Cúria Romana. Não se sabe se ele aceitaria, nunca foi o seu propósito almejar patamares superiores. Nada alterava a sua humildade franciscana.

Conta a história, embora o Concílio dos Cardeais seja secreto – e, perdoe-me o querido Cardeal, mas é tão secreto como as reuniões e votações secretas que realizamos aqui e que são relatadas com minúcia pela imprensa -, que, quando foi para o segundo escrutínio, D. Aloísio tinha todas as chances de ganhar. S.Revma., porém, advertiu seus pares sobre o fato de que não poderia ser Papa porque tinha um problema no coração.

A ser verdade – e todas as informações que tenho são verdadeiras -, isso é algo fantástico, até porque o eleito morreu logo depois.

D. Aloísio não abandonou jamais a sua opção preferencial pelos pobres, nem quando bombas intimidadoras foram atiradas nos seus jardins. Mesmo diante do principal chefe da repressão, sua voz, naturalmente doce, alterava-se apenas quando era preciso confrontar os vendilhões da Justiça. Foi assim quando Secretário-Geral e, depois, Presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil – CNBB, foi assim nos anos difíceis da nossa história, quando todos os jardins da democracia corriam o risco de ser alvo de bombas atiradas pelos olhares fixos da repressão. Foi exatamente nesse momento da história, que a voz de D. Aloísio se alterou. E ecoou pelos corredores das prisões. S.Revma. teve a coragem de colocar em debate temas polêmicos, inclusive, dentro da própria Igreja, e defendeu teses que contrariavam o Poder. Jamais se preocupou em tornar-se unanimidade. Se havia o contraditório tinha um único lado: o do bem, o da democracia, o da soberania, o da cidadania. Foi contumaz nos sentimentos de humildade e do perdão.

Quero salientar o episódio do Instituto Penal Paulo Sarasate, em Fortaleza, quando foi ameaçado no fio de uma faca, por presos rebelados. Perguntado depois sobre a pena de morte, foi enfático ao dizer: *“O senhor deveria passar 10 dias naquele presidio. Tenho certeza que também iria lutar por sua liberdade”*.

E, aos meus queridos Senadores e Deputados do Ceará que se referiram a esse caso, eu, do Rio Grande do Sul, acrescento que o fato de que, logo depois, na Quinta-feira Santa, D. Aloísio realizou a cerimônia do lava-pés com 12 presidiários daquela penitenciária. Beijou os pés de cada um dos detentos que o tinham aprisionado, em sinal de humildade e de perdão.

Quanta falta nos faz e nos fará sempre D. Aloísio, especialmente nestes tempos de escassez dos melhores sentimentos, das melhores referências, dos maiores guias para o povo brasileiro. Afinal, onde havia ódio ele levava o amor; onde havia ofensa ele levava o perdão; onde havia discórdia ele levava a união; onde havia dúvida ele levava a fé; onde havia erro ele levava a verdade; onde havia desespero ele levava a esperança; onde havia tristeza ele levava alegria; onde havia trevas ele levava a luz.

Costumo dizer que personagens como D. Aloísio não morrem. Ao fazer história, tornam-se imortais. Mas num país que não cultiva a sua própria história, como o Brasil, os grandes personagens muitas vezes terminam esquecidos. Permanecem reverenciados apenas em páginas de livros obrigatórios. É uma pena!

Demonstram os fatos que presenciamos nestes nossos dias que exemplos como o de D. Aloísio, de seu primo D. Ivo Lorscheider, de D. Hélder Câmara e personagens da nossa história, como Ulysses Guimarães, Tancredo Neves, Alberto Pasqualini, Teotônio Vilela e tantos outros se restringem, cada vez mais, às prateleiras frias do esquecimento. Não fosse assim, seria diferente esta realidade, em que a banalização da violência é estampada diariamente no noticiário.

É por isso que esta cerimônia da Câmara dos Deputados e do Senado Federal não pode servir apenas para reverenciar, ainda que com todos os méritos, a memória de D. Aloísio Lorscheider, ou para lembrarmos de seus feitos – Presidente, Secretário-Geral da CNBB, Presidente do Conselho Episcopal Latino-Americano e um dos maiores defensores da causa da justiça social do nosso povo e da nossa democracia.

Ninguém como ele emprestou a voz aos amordaçados pela repressão, nem abriu as portas das prisões onde se praticavam as mais tenebrosas torturas. Foi D. Aloísio o primeiro e único brasileiro votado para ser Papa. É preciso, portanto, rememorar a sua história na perspectiva do Brasil do amanhã, do Brasil com que nós sonhamos, o mesmo com que sonhava D. Aloísio.

Tomara Deus que não tenhamos outras prisões políticas a abrir, mas tomara Deus que possamos abrir ainda as prisões da miséria de hoje.

Continuar o exemplo de D. Aloísio é manter a sua luta para quebrar os grilhões da fome, da insegurança, do desemprego, do desdém, enfim, da falta de requisitos básicos de cidadania e de humanidade que tanto tem nos aprisionado nestes tempos de barbárie.

Dizem alguns que o próprio D. Aloísio desestimulou os seus pares na sua possível escolha para Sumo Pontífice. Quem sabe imaginasse que suas mensagens pastorais não devessem se subscrever apenas à burocracia do Vaticano? Quem sabe?

Não nos devemos fechar tão-somente em cerimônias especiais, embora necessárias e merecidas como esta, não devemos nos restringir a uma espécie de Praça de São Pedro a esperar por uma palavra ou por uma ordem vinda do alto.

D. Aloísio falava diretamente aos corações. E continua sendo um franciscano, cujas palavras de ordem se revestem do sentimento de humanidade e de solidariedade, exemplos de vida que não morreram no último dia 23 de dezembro.

Quando não houver mais oradores no dia de hoje, o Sr. Presidente da cerimônia irá repetir, como é praxe: “Nada mais havendo a tratar está encerrada a sessão”. Não fosse o protocolo, quem sabe, Sr. Presidente, pudéssemos dizer: à luz da ainda cruel realidade brasileira e dos ensinamentos que herdamos de D. Aloísio: “Declaro prorrogada esta sessão”. Talvez, na sua essência, a técnica, os ensinamentos e os exemplos de D. Aloísio, hoje aqui expostos, sejam efetivamente colocados em prática. Aí, sim: “Nada mais haveria a tratar”. A sessão, ainda assim, não será encerrada para que permaneçam essa mesma essência, esse mesmo exemplo e esses mesmos ensinamentos para gerações que ainda virão. Nós, pelo menos, estaremos em paz com a história da nossa época.

Não posso deixar de lembrar aqui, meu querido chefe dos Franciscanos, que tive a graça de visitar várias vezes D. Aloísio, junto com o senhor, em seu leito do hospital. Seu estado era precaríssimo, várias vezes o médico anunciou sua morte, e ela não aconteceu. Ficava ali sentado na cadeira, num quarto cheio de pessoas. Guardo aquela imagem, e parece que estou vendo agora a fisionomia de D. Aloísio, a fisionomia de bondade, um sorriso de paz, um sorriso de tranquilidade. Se tinha dores, ele não as demonstrava. Sempre tinha uma palavra a todos os que o visitavam, e para os Franciscanos de Porto Alegre e do interior era uma questão de honra ter a chance dessa visita. Ele os recebia, apesar de o médico dizer que havia exagero nessas visitas. Todos saíam dali dizendo: *“Esse olhar, essa bênção de D. Aloísio, vou levar para o resto da minha vida.”*

Isso é impressionante. Alguém que poderia ser o Papa; que era o Cardeal com todo o respeito e alegria no Ceará; que era o Cardeal Arcebispo em sua Aparecida estava ali em Porto Alegre. Voltou ao seu Estado, voltou ao seu Rio Grande, e ali, naquele quarto singelo, o mais singelo imaginável do hospital, fazendo questão sempre que possível de sentar na cadeira, a quem os médicos davam horas de vida, quantas e quantas vidas abençoou nesse espaço de tempo. Ao vê-lo, lembrei-me do Pai São Francisco: a morte encontrou São Francisco sorrindo à sua espera como uma

libertação. Eu não sentia que o Frei, que o Cardeal estava esperando a morte como libertação. Não. Mas ele estava tranqüilo, despreocupado com a passagem dessa para outra. Ele estava em paz.

Meus irmãos, a fisionomia, o carinho, o sorriso, os olhares, com os olhos fixos nos olhos daqueles com quem falava, o pegar na mão apertando e abençoando – ele era um homem de Deus! Era um homem que a vida, a luta e o sofrimento fizeram com que pagasse por qualquer equívoco que tivesse cometido.

Como é bonito isso para nós, católicos, que acreditamos numa outra vida e sabemos que ela é uma passagem, mas que temos de esperá-la. Não vi mudança tão linda, tão profunda, tão bela, tão emocionante como a de D. Aloísio.

Às vezes, quando cansado, fechava os olhos. Parecia já estar do outro lado, fazendo o caminho e trazendo Deus ao nosso encontro.

Meus cumprimentos aos meus irmãos do Ceará. Que bom que ele tenha sido uma pessoa tão especial lá. Mas me desculpem, na qualidade de gaúcho, digo: ele foi muito especial para o Rio Grande do Sul e para o Brasil.

Muito obrigado, Sr. Presidente. (*Palmas prolongadas.*)

O SR. PRESIDENTE (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – Convido S.Exa. o Senador Mão Santa para se manifestar.

O SR. MÃO SANTA (PMDB – PI) – Sr. Presidente, de quantas horas disponho mais ou menos?

O SR. PRESIDENTE (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – De 20 minutos.

O SR. MÃO SANTA (PMDB – PI. Sem revisão do orador.) – De 20 minutos?

Sr. Presidente, Deputado Osmar Serraglio, que preside esta sessão, permita-me, diante de tantas autoridades religiosas e lideranças políticas, saudar todos naquele que é caro a todos e a mim é muito mais: D. José Freire Falcão, que foi Arcebispo do nosso Piauí.

Desse negócio de Mão Santa, nada tenho, não tenho mão santa nenhuma – iguais às de médicos, de cirurgiões de Santas Casas, que Deus as guia e fazem o bem. Digo, diante de D. José Freire Falcão: sou filho de mãe santa, Terceira Franciscana. E mais: ela está eternizada porque publicou um dos melhores livros cristãos católicos: a vida é um hino de amor. E como ela publicou? Com o “autorizo”, o “publique-se” dados por D. José Freire Falcão. Minha mãe, tão inspirada, D. José Freire Falcão, que eu tenho lido o nome Francisco, um nome cristão – estudei em colégio cristão, o Marista, cujo capelão era Frei Gino.

Hoje é um momento muito importante. Sabemos da importância da Igreja Cristã Católica desde Antônio

de Nóbrega, José Anchieta, Antônio Vieira, que cruzaram de Fortaleza a São Luís a pé e passaram na minha Parnaíba – 60 dias de andança.

Aqui foi salientado por esses jovens que representam uma modernização do Nordeste no Governo do Ceará, Tasso Jereissati e Ciro Gomes, e também da Igreja no Piauí, D. Avelar Brandão, que foi lá e marcou, desenvolveu as faculdades, as universidades, o sistema de comunicação. Tudo isso ocorreu graças a D. Avelar Brandão. Depois, foi D. José Freire Falcão.

Como Tasso Jereissati está ali, com a Renata – e daqui a pouco não se fala mais em Romeu e Julieta, mas em Tasso Jereissati e Renata (*risos*) -, fui com a minha Adalgisinha, a convite da Igreja, não por influência política, ser abençoado pelo Papa João Paulo II. E lá, numa audiência pessoal, o Sr. Senador Eduardo Azeredo, que estava junto conosco, em companhia da esposa, disse: “*Ah! Piauí, D. José Freire Falcão? Acabei de nomeá-lo para Brasília.*” Fiquei triste, tinha acabado de ser transferido D. José Freire Falcão para Brasília. Mas ficaram os exemplos: V.Exa. – e não vou dizer que vivi na igreja – e D. Avelar Brandão. Dou medalha de ouro aos dois, que plantaram o cristianismo.

Os cearenses falaram melhor do que nós. Um quadro vale por 10 mil palavras. Deus escreve certo por linhas tortas. Lembro-me das transformações, como está na Bíblia: depois da tempestade vem a bonança.

Há 24 horas, aqui estávamos, Pedro Simon, também inspirados em Cristo. Cristo foi muito firme. Tasso, podemos levantar nossa cabeça, porque revivemos Cristo quando puxou o chicote e colocou os vendilhões para fora da sua igreja. Aqui é a nossa igreja, e nós defendemos a liberdade. A democracia começou com o grito do povo: “liberdade, igualdade e fraternidade”. Pedro Simon, foi o dia mais vergonhoso. V.Exa. poupou-se disso, não estava no momento. Impediu-se o falar, a liberdade, a igualdade. Nunca dantes na história houve um dia tão vergonhoso como aquele. Mas, depois da tempestade, vem a bonança, e o mesmo tempo está aqui. Um quadro vale por 10 mil palavras. Pronto, o povo foi comemorar 80 anos e fez esse jornal.

Atentai, coloque bem grande aí, o maior que pode, do tamanho de um *outdoor*. Tasso Jereissati, sabe V.Exa. que nós somos irmãos do Piauí. V.Exa. se tornou um líder, mas esse homem lhe tinha uma devoção especial. Eu ouvi o povo dizer o que dizia ele. Diziam: “Ele é Tasso.” Diziam isso. Político, V.Exa. sabe como é. V.Exa., então, pegue essa foto do jornal e faça um *outdoor*.

Aprendemos todos nós que muitos cristãos foram presos: Pedro, o apóstolo, Paulo, Francisco. E refletiram na prisão. Mas esse aqui, observem a fotografia. Tasso, observe o olhar dele, aquele olhar que foi descrito por

Pedro Simon. Perdão, V.Exa. descreveu o olhar dele, e eu estou vendo. Atentai bem, por bandidos. Aqui estão dando o que nós chamamos de uma chave de pescoço. E o outro, ao lado – observe o olhar -, pureza, olhar de perdão, que o poeta franciscano Pedro Simon descreveu. É o olhar de dizer: Pai, perdoai-lhes, eles não sabem o que fazem. Esse é o olhar.

Essa é uma reflexão, e ele disse – está aí no livrinho do Mauro Benevides, cristão. Votei em Mauro Benevides para Deputado Estadual. Era S.Exa. do meu bairro, bairro de Fátima, e era da igreja. Votei em S.Exa. Tenho direito de falar aqui pelo Ceará porque cheguei a Fortaleza nos anos de 1954, D. José Freire Falcão. Minha mãe colocou meu pai num Jeep Land Rover pelas estradas de Piçarras. Onde Nossa Senhora de Fátima ia, nós íamos atrás – Buriti, Piracuruca, Piripiri, Tianguá, Sobral, Itapajé. Pela primeira vez cheguei ao Ceará guiado por Nossa Senhora de Fátima e minha mãe.

Está no livreto do discurso de Mauro Benevides. Ele, aqui, no fim de tudo, disse: “Não revolto.” Mas advertiu a sociedade, com o pensamento, as palavras, entrevistando-se depois disso, que era desumano o sistema carcerário brasileiro, e que era um dever nosso.

Então, essas são minhas palavras aqui, representando o Piauí e representando a minha mãe, no céu, que vive este momento em que falamos por ela.

Tasso, V.Exa. foi Governador. Fui ao Peru, Lima, fazer convênios com a nossa Universidade do Estado do Piauí. Foi a minha maior obra. A Universidade São Marcos é a mais antiga da América do Sul, de 1500, lá do Vice-Reino da Espanha. O reitor me levou a uma igreja, firmamos convênio UESPI e São Marcos, como outros que eu firmei. Quero dizer aqui aos líderes da Igreja, ao nosso Papa novo, que entrei na igreja. Somos franciscanos, vivemos juntos, oramos, e vamos porque vamos mesmo, somos cristãos – ainda não atingimos a fé e a firmeza de Pedro Simon, mas chegaremos lá. Então, Tasso, entrei numa igreja e vi que havia muitos fiéis peruanos, muitos santos. Havia 5 santos peruanos, 5 nascidos no Peru. Olhei e disse: “*Não tem um São Francisco, não? Vou ficar com o meu, de minha fé.*” E fui rezar com São Francisco.

Então, aqui, esse pode dizer como Cristo: “*Eu sou o caminho, a verdade e a vida.*” Nós temos que segui-lo principalmente nesse drama, que é um dos mais vergonhosos da nossa história política hoje: sistema carcerário, ressocialização, violência. Nós, Pedro Simon, temos de pegar a frase dele, a análise dele, porque ele foi a luz para iluminar a sociedade.

Ó, Deus, ó, Deus, transforme esse nosso homenagem, D. Aloísio Lorscheider, no segundo santo do nosso Brasil.

São as nossas palavras. (*Palmas.*)

O SR. PRESIDENTE (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – Concedo a palavra a S.Exa. Senador José Nery.

O SR. JOSÉ NERY (PSOL-PA. Sem revisão do orador.) – Exmo. Sr. Presidente, Deputado Osmar Serraglio, cumprimento todos os que compõem esta Mesa de homenagem à memória de D. Aloísio Lorscheider: D. José Freire Falcão, Arcebispo Emérito de Brasília; D. Raymundo Damasceno, Arcebispo de Aparecida e Presidente do CELAM, Conferência Episcopal Latino-Americana; Rvmo. Sr. Frei João Inácio Müller, Providencial dos Franciscanos do Sul; Srs. Senadores; Srs. Deputados; autoridades religiosas; amigos e familiares de D. Aloísio.

Primeiro, eu gostaria de cumprimentar o Senador Tasso Jereissati pela iniciativa desta justa homenagem a D. Aloísio Lorscheider, Cardeal que durante muitos anos trabalhou nos sertões do Ceará, quando tive a oportunidade de conhecê-lo.

Permitam-me, senhoras e senhores, fazer um breve retrospecto da vida, da história e da trajetória desse grande líder espiritual e humanitário, que sem dúvida orgulha não apenas os gaúchos, os cearenses, os paulistas, os mineiros, de Estados onde trabalhou e serviu, mas sem dúvida orgulha todo o povo brasileiro, em especial todos os católicos.

D. Aloísio foi ordenado padre em 22 de agosto de 1948, em Divinópolis. Como sacerdote, lecionou latim, alemão e matemática no Seminário Seráfico, em Taquari. No final do mesmo ano, foi enviado a Roma para especializar-se em Teologia Dogmática. Regressando de Roma, tornou a lecionar no Seminário Seráfico, em Taquari, até que, em 1953, foi nomeado Professor de Teologia Dogmática do Convento Santo Antônio, em Divinópolis.

Em 1958, tomou parte no Congresso Mariológico Internacional em Lourdes, na França. No mesmo ano, foi chamado a Roma para lecionar Teologia Dogmática no Pontífice Antoniano.

Em 1959, foi nomeado Visitador Geral para a Província Franciscana em Portugal. No mesmo ano, de volta da visita canônica, recebeu o encargo de Mestre dos Padres Franciscanos Estudantes, nas várias universidades de Roma.

No dia 3 de fevereiro de 1962, foi nomeado pelo Papa João XXIII Bispo da recém-criada Diocese de Santo Ângelo.

No dia 20 de maio de 1962, recebeu a ordenação episcopal na Catedral Metropolitana de Porto Alegre, e, no dia 2 de junho, tomou posse na Diocese, da qual, durante 11 anos, foi seu Bispo Diocesano.

D. Aloísio pertenceu ao quadro de dirigentes da CNBB, a partir de 1968, na qualidade de Secretário-

Geral e Presidente por 2 vezes consecutivas, de 1971 a 1975 e de 1975 a 1978.

Em 1972, foi eleito Primeiro Vice-Presidente do Conselho Episcopal Latino-Americano – CELAM, reeleito em 1975.

Em 1976, assumiu a Presidência do mesmo organismo em virtude da transferência do titular, D. Eduardo Perônio, Bispo de Mar Del Plata. Nomeado Cardeal, foi para a Prefeitura da Congregação dos Religiosos, com sede no Vaticano.

Em abril de 1973, o Papa Paulo VI nomeou-o Arcebispo de Fortaleza.

No dia 24 de abril de 1976, Paulo VI nomeou-o Cardeal e, em 24 de maio, recebeu a investidura do Cardinalato, com o título de São Pedro “*in Montorio*”.

Tomou parte de 2 conclaves, em 1978, aqueles que escolheram os Papas João Paulo I e João Paulo II.

Com apenas 50 anos, tornou-se o primeiro e até hoje o único eclesiástico brasileiro candidato a Papa. Naquela escolha que decidiu quem seria o sucessor de Paulo VI, foi escolhido João Paulo I, que é confessor ter votado em D. Aloísio.

Quando conversava, D. Aloísio tinha a fala mansa e os gestos angelicais, mas desfigurava-se se o assunto fosse as mazelas sociais do País.

Enérgico, nunca admitiu interferências de quem quer que fosse na sua guerra em defesa dos direitos humanos. Nem uma carta advertência enviada ao Cardeal, em 1988, pelo Papa João Paulo II, de forma alguma interferiu ou intimidou o trabalho de D. Aloísio.

D. Aloísio foi um velho conhecido dos generais da ditadura. Travou uma luta incansável pela redemocratização do Brasil e pelo fim das torturas.

Nesse particular, faço questão de lembrar a atitude corajosa, junto com a Diretoria da CNBB, no período mais difícil da nossa história recente. A CNBB, sob sua orientação, emitiu um documento muito forte que repercutiu de Norte a Sul deste País, transformando-se numa referência para a reflexão da realidade política do País naquele período.

O documento intitulado *Exigências Cristãs de uma Ordem Política*, documento transformado numa cartilha popular, D. Damasceno, percorreu as paróquias, dioceses, seminários, comunidades eclesiais de base, grupos que se organizavam na periferia das cidades, de operários, chegou ao campo, aos camponeses, aos leigos. Sem dúvida aquele documento não era de D. Aloísio, era da CNBB, da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, mas com forte inspiração do seu compromisso eclesial, humanitário, buscando fazer os cristãos brasileiros tomarem consciência do seu papel, da sua luta naquele momento histórico em

que o País sofria as agruras e a violência da ditadura, da perseguição implacável a todos que ousassem ainda questionar o poder da ditadura. Esse documento, além de outros tantos documentos brilhantes que a CNBB emitiu naquele período tão difícil, mas não só a CNBB, o CELAM, por intermédio das conferências de Medellín e de Puebla, que contribuíram muito para uma tomada de consciência dos nossos povos, dos povos latino-americanos, do seu papel na luta por justiça social, por organização, por estímulo à resistência organizada aos diversos povos do continente que sofriam com a implantação de ditaduras tão sanguinárias, tão violentas quanto a brasileira.

D. Aloísio representou naquele período a voz de um profeta libertador, a voz que se irmanava à das lideranças comunitárias das CEBS, do nascente movimento sindical, da construção das pastorais sociais da CNBB, em especial na Comissão Pastoral da Terra que ele tanto estimulava, da luta por reforma agrária, da evangelização levada aos mais diversos recantos, não só da Arquidiocese de Fortaleza, mas o seu papel de Dirigente como Presidente do Regional Nordeste 1 da CNBB.

Srs. Senadores, Sras. Senadoras, ilustres convidados, foram atitudes firmes de D. Aloísio que fizeram do Cardeal uma unanimidade no coração do povo brasileiro.

No início dos anos 70, os latifundiários do Ceará conheciam sua fama de progressista e já esperavam enfrentar problemas quando D. Aloísio tornara-se arcebispo de Fortaleza. Não contavam, contudo, com a intensa campanha promovida por ele em favor da reforma agrária e pelo fim dos conflitos de terra no Estado. Naquela época, estava em sua primeira gestão de Presidente da Confederação Nacional dos Bispos do Brasil, onde ficaria até 1979. Mas nem o importante cargo que ocupava evitou que sofresse toda sorte de represálias. Os enfrentamentos com os poderosos da região renderam ao Arcebispo incontáveis ameaças de morte, dois cachorros envenenados e a explosão de uma bomba caseira no jardim de sua casa. Em outra ocasião, 3 homens armados tentaram entrar em seu quarto, mas, graças a Deus, foram descobertos a tempo.

Como se não bastassem os incômodos causados pelos fazendeiros, o Cardeal foi vítima de um covarde ato de violência. Em março de 1994, ele fazia uma de suas rotineiras visitas ao Instituto Penal Paulo Salasate, em Fortaleza, onde verificava as condições de sobrevivência dos detentos. Enquanto discursava no auditório insalubre, a luz apagou e um repórter que acompanhava a visita ouviu murmúrios na platéia. Tudo indicava que os presos estavam conspirando. Alguns

segundos bastaram para que 2 deles dominassem D. Aloísio e instaurassem a rebelião. Arrastado para debaixo de uma mesa, a primeira coisa que o Cardeal fez foi pedir aos rebelados que fosse o último refém a ser libertado. Pedido atendido, mas 18 horas depois. Mais tarde, respondendo aos comentários de um Deputado pelo Estado do Ceará sobre a necessidade da pena de morte para os rebeldes, declarou: *“O senhor deveria passar 10 dias naquele presídio. Tenho certeza de que também iria lutar por sua liberdade.”*

Menos de um mês depois do episódio, lá estava a foto de D. Aloísio nos jornais novamente. Dessa vez, fazendo a cerimônia do lava-pés, no mesmo Instituto Penal Paulo Salasate, onde fora violentamente agredido.

Em 1995, com problemas cardíacos, solicitou ao Papa João Paulo II sua transferência para uma diocese menor. Foi atendido e transferido de Fortaleza para a Arquidiocese de Aparecida, tomando posse no dia 18 de agosto do mesmo ano.

Em 2000, com 76 anos, anunciou sua renúncia, já que pelas regras da Igreja Católica era obrigado a renunciar ao cargo por ter passado dos 75 anos. Afirmou, na ocasião, que se fosse por vontade própria continuaria em Aparecida, tal era a sua vontade de trabalhar incansavelmente, o que sempre fez com muita determinação e com muito compromisso especialmente com os mais pobres.

Em 28 de janeiro de 2004, recebeu a notícia da aceitação de sua renúncia; em 25 de março do mesmo ano, entregou a arquidiocese para D. Raymundo Damasceno Assis, tornando-se, assim, Arcebispo Emérito de Aparecida.

Em seguida, retornou para o Convento dos Franciscanos, em Porto Alegre, onde passou seus últimos dias, vindo a falecer às 5h30min do dia 23 de dezembro de 2007, no Hospital São Francisco, em que estava internado há quase um mês.

Tive a oportunidade de conviver com D. Aloísio nos sertões do Ceará. Iniciei minha militância nas comunidades eclesiais na Diocese de Crateús, à época dirigida por D. Antônio Batista Fragoço, que, ao lado D. Aloísio e tantos outros bispos de outras Dioceses do Ceará justamente trabalhavam no sentido de firmar a possibilidade de que os pequenos se organizassem em comunidade-base e, a partir daí, eram estimulados a ter uma participação social cada vez mais engajada, comprometida.

Desculpe-me, Senador Eduardo Suplicy, vou conceder um aparte a V.Exa.

Ao lado de D. Edmilson, D. Fragoço, D. Aloísio, na qualidade de Presidente do Nordeste 1 da CNBB,

não fazia as reuniões do Regional do CNBB apenas na sede da Arquidiocese em Fortaleza.

Estabeleceu um processo de participação mais direta, Senador Pedro Simon, indo lá onde estava o povo; ele tinha responsabilidade mais direta com o pastor, com os que estavam na região metropolitana em Fortaleza, região com muitos problemas. Era a região com a maior população, a de maior número de arquidioceses do Estado, mas estabeleceu uma dinâmica de ir às diversas dioceses do Ceará, verificar de perto o andamento dos trabalhos pastorais, fazer avaliação, estabelecer compromissos, linhas que eram discutidas coletivamente, ouvindo os padres, os bispos, os leigos, as lideranças comunitárias.

Eu, na qualidade de agente pastoral, membro da Diocese de Crateús, trabalhando com D. Fragoço, tive a felicidade de acompanhar muitos desses momentos de D. Aloísio, indo onde estava o povo para ouvir suas angústias e sempre, em cada ocasião, com energia, com a força que lhe era peculiar. Sempre tinha um caminho, a esperança, o estímulo para continuar a caminhada, mesmo quando eram situações as mais adversas.

Lembro-me de um fato, quando D. Aloísio e outros bispos, D. Fragoço – não me lembro se nessa época estava D. Edmilson -, ia verificar às vezes os conflitos pela posse da terra, lá onde eles aconteciam, para ajudar com aquelas comunidades encontrar uma solução.

Concedo, com muita satisfação, um aparte ao Senador Eduardo Suplicy.

O Sr. Eduardo Suplicy (Bloco/PT – SP) – Prezado Senador José Nery, na qualidade de Senador por São Paulo, faço minhas, assim como do Partido dos Trabalhadores, as suas palavras, como também as dos testemunhos da Senadora Patrícia Saboya, do Senador Tasso Jereissati, do nosso colega, hoje Deputado Federal, Mauro Benevides, do Senador Pedro Simon, do Senador Inácio Arruda, que ainda vai se pronunciar. Estou inteiramente de acordo com o testemunho que todos aqui deram de como D. Aloísio Lorscheider foi um extraordinário exemplo do bom sal da terra, daquele que sabe iluminar os melhores caminhos por seu exemplo, por suas palavras para todos nós brasileiros. Meus cumprimentos.

O SR. JOSÉ NERY (PSOL – PA) – Obrigado, Senador Eduardo Suplicy.

Cada um de nós que teve a oportunidade de conhecer e conviver com D. Aloísio – e foi esse o testemunho que ouvimos aqui dos Senadores Tasso Jereissati, Pedro Simon Patrícia Saboya e vamos ouvir daqui a pouco do Senador Inácio Arruda -, recordando aqui sua luta e compromisso sempre engajado na bus-

ca da transformação social, da garantia da dignidade humana, de que foi um grande exemplo, talvez não tenhamos a capacidade de efetivamente relatar a experiência dessa convivência de cada um, em momentos e em lugares diferentes, mas todos convergem para a compreensão e o entendimento de que D. Aloísio, assim como tantos grandes pastores da Igreja, viveu na sua missão de pastor comprometido com o destino de milhões de excluídos, de deserdados.

D. Aloísio, sobretudo naquele momento especial e tão difícil da história do Brasil, ao lado de tantos pastores da Igreja, foi uma voz muito firme e, sem dúvida, contribuiu enormemente com o nosso País, Senador Tasso Jereissati – V.Exa. que é cearense como eu; é bom esclarecer que sou cearense de origem e aqui represento o Estado do Pará, na Amazônia, onde estou há 23 anos.

As lições que D. Aloísio nos deixou são marcas que têm sentido muito importante na história recente do País. Inclusive por conta da sua luta, a luta da CNBB, podemos hoje no País respirar um pouco mais de democracia, um pouco mais de liberdade política, porque vivemos um tempo de trevas, em que falar, denunciar e questionar poderia representar ameaça à própria vida.

D. Aloísio é um testemunho vivo daquele período e, sem dúvida, um estimulador de muitas consciências para o engajamento concreto na luta por transformações do nosso País.

Por isso, quando o Congresso Nacional se reúne em sessão solene para celebrar a memória e a história de D. Aloísio, não é mais do que uma justa homenagem a esse grande brasileiro defensor da justiça social, da igualdade e da liberdade em nosso País.

Muito obrigado. (*Palmas.*)

O SR. PRESIDENTE (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – Anuncio o último orador inscrito, o Sr. Senador Inácio Arruda, a quem concedo a palavra.

O SR. INÁCIO ARRUDA (PCdoB-CE. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, Sras. e Srs. Congressistas, cumprimento os convidados que acolheram o convite para esta sessão solene de homenagem a D. Aloísio Lorscheider, de iniciativa dos Senadores Tasso Jereissati, Pedro Simon e Patrícia Saboya.

Cumprimento também os colegas Deputados Federais, D. Raymundo Damasceno Assis, D. José Falcão, Frei João Inácio, as autoridades eclesiais e diplomáticas que estão conosco e todos os convidados que vieram do meu Estado, o Ceará, e de outros Estados para esta homenagem. Cumprimento-os na pessoa dessa figura excepcional da vida eclesial e política do Estado do Ceará, D. Edmilson Cruz, que aqui está a nossa frente.

Sr. Presidente, é com emoção que ocupo hoje esta tribuna para homenagear um frade franciscano brasileiro que, com seu jeito tranqüilo e postura corajosa, desempenhou papel crucial para a construção da democracia em nosso País durante as 2 décadas da ditadura militar e nos anos de normalidade política que se seguiram.

Ainda muito jovem, tive a honra de conhecer D. Aloísio Lorscheider, recém-nomeado Arcebispo de Fortaleza, minha cidade natal. No período compreendido entre 1973 e 1995, esse sacerdote apoiou com enorme firmeza os movimentos sociais que despontavam em nosso Estado e dos quais eu participava ativamente, na qualidade de militante, ganhando assim o respeito e a estima da sociedade cearense, em especial dos segmentos mais pobres.

Sua atuação pastoral, que pude testemunhar ao longo de nosso convívio, foi caracterizada por um incansável compromisso com os valores republicanos: fraternidade, liberdade e igualdade. São tantas as iniciativas deste ser humano extraordinário que não caberiam neste curto pronunciamento. Portanto, Sras. e Srs. Parlamentares, peço licença para me ater ao aspecto de sua trajetória que considero de maior relevância para o atual contexto político: a luta pelos direitos das camadas, histórica e socialmente discriminadas, em nossa Nação e na América Latina.

Não por outra razão, Sr. Presidente, D. Aloísio enfrentou diversas vezes os generais que dominavam o Brasil e os países vizinhos, sempre contestando os regimes ditatoriais que aqui se instalaram sob pressão do imperialismo norte-americano, o que lhe acarretou constrangimentos e, até mesmo, perseguições políticas.

Vale lembrar que, em um dos momentos mais tensos da ditadura militar, os anos de 1968 a 1978, esse ilustre sacerdote ocupou a Secretaria-Geral e, logo a seguir, por 2 mandatos consecutivos, a Presidência do órgão máximo representativo do clero brasileiro, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil – CNBB.

Desde o início, o desempenho marcante à frente dessa entidade lhe granjeou admiração entre seus pares, que o elegeram Vice-Presidente e Presidente do Conselho Episcopal Latino-Americano – CELAM, em uma época igualmente de extrema violência em todo o continente, de 1972 a 1978. Naquele momento, os órgãos de segurança brasileiros e latino-americanos recrudesceam a ofensiva contra padres e seminaristas, a exemplo do que ocorreu com o estimado Frei Tito, religioso cearense, e tantos outros presos e torturados por suas críticas ao totalitarismo e por suas convicções democráticas.

Srs. Congressistas, para ilustrar a sensibilidade fora do comum e a determinação a enfrentar muitas lutas, 2 características inerentes à figura de D. Aloísio, recorro aqui a trechos de uma entrevista concedida pelo querido e amigo Padre Ermanno Allegri, diretor-executivo do portal *Adital* e que conviveu com D. Aloísio num trabalho pastoral em Fortaleza por 7 anos.

Nessa entrevista, Padre Ermanno relembra alguns momentos dessa convivência. Diz ele:

“Sempre apreciei 2 coisas ao trabalhar com D. Aloísio. A primeira era a sua confiança nas pessoas e no trabalho pastoral que desenvolvia. Ao conversar sobre um determinado assunto, após ouvir e sugerir algumas coisas, ele dizia: ‘Agora você vai lá e trabalha’. Essa atitude demonstrava a confiança que tinha nas pessoas para a execução de tarefas”.

Continua o Padre Ermanno:

“A segunda coisa que eu observava e também ouvia de outros colegas era sobre o seu aspecto humano, ou seja, a grandeza de D. Aloísio era ser simplesmente humano. Ele sabia ouvir, conversar, prestava atenção no que as pessoas tinham a dizer. Essa atitude nos ajudava a perceber como o nosso trabalho poderia, sobretudo, ajudar o próximo. Afinal, se não partimos dessa humanidade, todo o discurso de fé cai por terra ou se torna um discurso que fica pairando no ar, sem uma sustentação real.”

Em seu testemunho sobre D. Aloísio Lorscheider, Padre Ermanno relembra um dos vários trabalhos na Capital cearense que levaram a marca muito especial da dedicação de D. Aloísio: a criação do Centro de Defesa e Promoção dos Direitos Humanos da Arquidiocese de Fortaleza, destinado a trabalhar em especial pelo direito à terra e à moradia da população de baixa renda de Fortaleza e região metropolitana.

Essa entidade, que comemora 25 anos de existência, vem auxiliando sobremaneira muitas pessoas a construírem suas casas e, principalmente, colaborando na mobilização por políticas públicas voltadas para a construção de uma sociedade mais justa e solidária.

Sr. Presidente, Sras. e Srs. Parlamentares, o princípio franciscano de ajudar a todos os irmãos, sem distinção, convivendo fraternalmente, encontrou em D. Aloísio Lorscheider uma referência. Durante toda sua trajetória, ele permaneceu leal a esses princípios, manifestando sua simplicidade em todos os lugares onde levava sua mensagem: na periferia das grandes cidades; no campo, com o pessoal da roça; entre os mais humildes; ou entre notáveis autoridades. Desprovido de qualquer pretensão, D. Aloísio dedicava-se a rea-

cender a chama da vida onde, para muitos, restavam apenas cinzas.

Um fato revelador dessa aptidão excepcional ocorreu em 15 de março de 1994. Ao ser feito refém dos presos durante uma rebelião no Instituto Penal Paulo Sarasate, no Ceará, D. Aloísio não apenas manteve-se calmo durante todo o tempo, negociando a libertação dos demais reféns e um fim pacífico para o motim, como ainda retornou ao presídio, para realizar a tradicional cerimônia de lava-pés dos mesmos detentos que o haviam ameaçado. Depois desse episódio, ele afirmou que sua vontade de ajudar os presos havia aumentado. Disse D. Aloísio: *“Para mim, aumentou o amor por essa gente e a necessidade de dedicar-me mais ainda aos presidiários, que são os excluídos da sociedade”.*

Sr. Presidente, em nome do meu partido, o Partido Comunista do Brasil, posso dizer que estou satisfeito com os discursos aqui proferidos pelos Senadores Tasso Jereissati, Pedro Simon, José Nery e pelo Deputado Ciro Gomes, que buscaram examinar a vida de D. Aloísio, percorrendo seus ensinamentos durante essa sua trajetória excepcional de ser humano. É isso o que ele era. Poderia fazer o meu discurso em 2 palavras: ser humano. Era isso o que era D. Aloísio.

Referiu-se o Deputado Ciro Gomes a dificuldades, à aridez da nossa região, do nosso solo. D. Aloísio surgiu – como na canção cantada por Humberto Teixeira, que fazia músicas e letras para Luiz Gonzaga espalhar pelo Brasil – como uma flor que só nascia no deserto, nos lugares mais tórridos, mais duros, mais difíceis, a flor da urze. D. Aloísio era como essa flor. Ali estava ele, no semi-árido.

Lembro-me de que certa vez estávamos na Paróquia de São Francisco, em Dias Macedo, um bairro da periferia de Fortaleza. Tínhamos 2 grupos de jovens: um em uma biblioteca comunitária, que eu coordenava; o outro ligado à Igreja Católica. E os 2 grupos saíram em peregrinação pela periferia da cidade de Fortaleza, na época, acompanhado por um padre francês, Padre Raimundo, da Paróquia de São Francisco. Naquela época os padres franceses também começaram a ser atormentados no Brasil. Um pouco antes nos encontramos com D. Aloísio. Era um período difícil, porque reunir 3 pessoas em qualquer bairro popular, em qualquer região da cidade, já era um motivo de suspeita, de perigo: *“Estão atentando contra a segurança nacional”*. Então já parava ali alguém e perguntava: *“Qual o assunto? Estão discutindo o quê?”* E a maior gravidade era dizer que estávamos discutindo a necessidade de ter água encanada no bairro. Já era um problema de segurança nacional. Fazer uma caminhada com lata

d'água na cabeça pedindo água já era problema de segurança nacional.

Discutir transporte público, quando as populações das grandes metrópoles começaram a crescer exponencialmente também era problema de segurança nacional. Nós, então, refugiamos-nos, porque não tínhamos espaço para reuniões maiores, porque reunir 3 já dava problema. Tínhamos que nos refugiar em algum lugar. E o Padre Raimundo disse: *“Eu acho que vocês deveriam conversar com D. Aloísio”*. E lá fomos nós conversar com D. Aloísio. E ele disse: *“Está aqui o Seminário da Prainha, que está colado à casa do Bispo. Se houver algum problema, me chamem”*. Houve muitos problemas. Houve invasão do seminário, quase invadiram o quarto do Bispo – porque a casa invadiram, mas não chegaram ao quarto do Bispo.

Ao mesmo tempo em que D. Aloísio tinha aquela doçura, sempre sorridente – ele sempre abria um sorriso para receber as pessoas -, ele agia com firmeza na defesa do direito que o povo tinha de se reunir e lutar por aquilo que considerava que era significativo, que era importante para melhorar a sua vida. E dizia a todos. A gente se reunia ali e, quando terminava a reunião, D. Aloísio dizia: *“Vão lá e trabalhem, se organizem e lutem. Vocês organizados têm condições, sim, de conquistar. E não fere a segurança nacional. Podem ir lá”*. E nós fomos, uma turma de jovens, e fizemos movimentos intensos na periferia da cidade de Fortaleza. E resultou depois que essa turma de jovens se encaminhou para os partidos políticos.

O próprio D. Aloísio disse uma vez: *“Vocês têm que escolher um partido. Eu não tenho o meu porque tenho que estar aqui conversando com todos. Se eu não fosse Bispo, se eu não fosse Cardeal, também teria um partido político, também teria escolhido um partido para militar diretamente. Mas já estou também na militância política. Eu estou na militância eclesial e política, porque uma está ligada à outra. Se a causa de melhorar a vida do povo é uma causa política, essa também é a minha causa, então estamos na mesma trincheira”*.

Ele se irmanou com esses movimentos sociais aqui referidos, como a luta pela terra, a questão da reforma agrária, uma necessidade absoluta, assunto que teria que ter sido resolvido no século XIX no Brasil e que se estende até hoje. E ele olhava e dizia: *“Eu não acredito que ainda estamos enfrentando este tipo de problema”*.

Um outro problema gravíssimo no Brasil era a questão fundiária urbana. As cidades cresciam imensamente e se estabeleciam conflitos enormes nas grandes cidades. E ali também, na nossa cidade, For-

taleza, onde ele tinha sua militância eclesial. Ele foi um incentivador da organização popular.

Na questão das nações indígenas, D. Aloísio encaminhou a luta no nosso Estado. O normal para um Estado como o Ceará era dizer que não havia índio ali. Eles desapareceram, sumiram todos. Mas o grande problema é que parte significativa dos nativos tinham vergonha de dizer que eram índios. Eles não podiam dizer. E parte do povo do Ceará é originária dos nativos. O nosso sangue é aquele ali. É sangue nativo, sangue de índio. E restavam algumas tribos, remanescentes daquelas nações que ali viviam. E D. Aloísio dizia: *“Vamos organizar essas nações. Vamos garantir que elas existam. Vamos soerguê-las”*. E ele enfrentou uma luta dura na região metropolitana para reconhecimento de uma nação, um povo nativo, os tapebas. Depois foram os tremembés e outras nações que havia no Estado do Ceará e que precisavam de reconhecimento. Muitas já num processo de mestiçagem altíssimo, mas eram as nossas raízes. E ele lutou pelo seu reconhecimento.

Nesse tempo também começaram as lutas ambientalistas, na época em que ambientalista era considerado meio trolouco. Mas tínhamos uma turma no Ceará, e fomos também para o Seminário na Prainha. E lá estava aquela turma de ambientalistas para discutir com D. Aloísio. Tudo quanto era tema ele era obrigado a discutir e a se envolver. E em todos ele se envolveu intensamente.

Mas aquele em que ele mais se envolveu foi a luta política ligada à necessidade de alcançarmos um sistema político democrático, aberto, para que todos pudessem dar a sua opinião, e a população então deliberasse e dissesse: *“Eu quero que conduza o País este partido, que tem estas idéias, que tem este projeto”*. Porque estaria dada a liberdade para que todos pudessem opinar. Essa foi uma luta dura de D. Aloísio, um enfrentamento pesado.

Ele buscou dar a sua opinião sempre, com muita firmeza. Ao dirigir a CNBB, sempre muito firme, nunca, em nenhum momento, vacilou em relação à questão da liberdade e da democracia.

D. Aloísio era, digamos assim, o homem de Puebla, porque também abraçou todos aqueles que defendiam a Teologia da Libertação. Abriu espaço, dialogou com os Bispos do Brasil inteiro, de todas as correntes. Mas tinha uma opinião. Ele ligou-se intensamente a esse pensamento de Puebla, abrindo espaço para os menos favorecidos se organizarem e lutarem pelos seus direitos.

E quando D. Aloísio disse: *“Preciso descansar, porque estou com uma enfermidade que precisa de cuidados”*, foi ao Papa. E o Papa lhe disse: *“Então vou lhe*

mandar para Aparecida, que é uma cidade pequena. Lá você terá melhores condições de trabalho". Então, imaginem: tiraram D. Aloísio de Fortaleza e o mandaram para Aparecida, porque era uma cidade menor. Ora, Aparecida abriga a maior festa católica brasileira. Então D. Aloísio saiu das intensas romarias de Canindé e Juazeiro para a maior romaria do Brasil, em Aparecida.

Lembro-me da última visita que fiz a D. Aloísio, ainda em Aparecida, com o médio Mário Mamede, que foi seqüestrado junto com ele. D. Aloísio disse: *"O Papa me mandou para cá dizendo que aqui eu podia descansar. Mas aqui eu trabalho 3 ou 4 vezes mais do que trabalhava em Fortaleza"*. Trata-se de uma grade Diocese, ainda mais porque é a da padroeira do nosso País. Então o trabalho era quadruplicado. Mas ele era incansável. Ele estava doente, mas a toda hora recebia Bispos, Padres, freiras, romeiros, Parlamentares, políticos que iam visitá-lo, pedir sua opinião para determinados assuntos. Nós o incomodávamos a toda hora. Ele foi para Aparecida, mas os cearenses não largavam o seu pé, porque se tratava dessa figura especialíssima para o povo do Ceará.

D. Aloísio, acho, está encravado no coração do povo cearense. Por isso quero render essa homenagem ao Cardeal D. Aloísio Lorscheider e, assim o fazendo, estendê-la a outros homens, como referiu aqui o Senador José Nery, como D. Fragoso e tantos outros que dedicaram sua vida completamente à causa de emancipar o homem, torná-lo efetivamente humano. Era esse o grande desejo de D. Aloísio Lorscheider.

Rendo as homenagens e dou parabéns aos colegas que tiveram a iniciativa de realização desta sessão: o Senador Tasso Jereissati, o ex-Senador e hoje Deputado Mauro Benevides, a Senadora Patrícia e o Senador Pedro Simon, que deram essa oportunidade ao Senado e a Câmara dos Deputados de render esta justa homenagem a esse homem do povo, simplesmente um homem do povo, capaz de fazer uma homenagem aos presos mesmo depois de ter sido seqüestrado e lá dizer: *"Estou aqui para defendê-los porque sei das agruras, da falta de liberdade para qualquer ser humano, mesmo tendo cometido o maior pecado"*.

Sr. Presidente, finalizo este meu pronunciamento salientando que o grande legado de D. Aloísio consiste, sem dúvida, em sua capacidade de olhar atentamente para os problemas da sociedade e no empenho de buscar soluções para eles, dando vazão a uma sensibilidade humana fora do comum. Essa atitude tão própria de D. Aloísio, de buscar caminhos que de fato valorizem e dignifiquem o ser humano, deve prosseguir, ganhando espaço não só no âmbito de atuação da Igreja, mas também em todos os setores da sociedade.

Muito obrigado. (Palmas.)

O SR. PRESIDENTE (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – OS Srs. Senadores Flexa Ribeiro e Romeu Tuma enviaram discursos à Mesa para serem publicados na forma do disposto no art. 203, combinado com o inciso I e o § 2º do art. 210, do regimento Interno do Senado Federal, primeiro subsidiário do Regimento Comum.

O SR. FLEXA RIBEIRO (PSDB-PA. Sem apanhamento taquigráfico) – Sr. Presidente, Sras. e Srs. Parlamentares, a importância da Igreja Católica Apostólica Romana na formação religiosa e cultural do Brasil é inegável, haja vista a presença constante e marcante de seus discípulos na vida nacional. Já nas caravelas de Pedro Álvares Cabral, os sacerdotes católicos vieram catequizar as populações autóctones das Américas recém-descobertas.

Os principais prelados da Igreja Católica sempre mantiveram posição de destaque no cenário nacional, seja defendendo os princípios cristãos e católicos, seja defendendo os cidadãos e seus direitos, quaisquer que fossem tais direitos, quaisquer que fossem suas crenças individuais.

Não foi diferente com D. Aloísio Lorscheider, discípulo do "Pobre de Assis", São Francisco, mas sacerdote rico de dotes morais e coragem cívica.

Ao final do ano passado, o Brasil se encheu de pesar e tristeza pela perda da presença forte e decidida de D. Aloísio, ilustre filho do Rio Grande do Sul.

As gerações mais novas, nascidas a partir dos anos 80, talvez não tenham a dimensão da importância do papel desempenhado por D. Aloísio durante os conturbados anos da ditadura militar no Brasil. Apesar da fala mansa, o Arcebispo Emérito de Aparecida não poupava esforços na defesa dos direitos dos cidadãos e dos valores democráticos. Sua elaborada formação teológica – era Doutor em Teologia Dogmática pelo Pontifício Ateneu Antoniano, de Roma – permitia-lhe transitar com coerência e sabedoria no mundo laico da sociedade civil e, com a mesma maestria, conduzir seu rebanho de fiéis nas diversas dioceses que estiveram sob seu comando.

Nascido em 1924, em Estrela, no Rio Grande do Sul, desde cedo revelou sua vocação sacerdotal, entrando para o seminário seráfico franciscano, em Taquari, aos 10 anos de idade. A partir desse momento, desenvolveu seus estudos dentro da Ordem de São Francisco até sagrar-se sacerdote, em 1948.

O físico imponente, em seus 1 metro e 95 centímetros de altura, abrigava a firmeza do combatente de Cristo e a doçura do pastor de almas. A força de suas convicções o fez galgar os mais altos postos da Igreja Católica no Brasil e no Vaticano, culminando por ser um dos possíveis indicados para o Papado, ao tempo

da eleição de João Paulo I, quando contava apenas com 54 anos de idade.

Elevado ao bispado em 1962, ascendeu ao barrete cardinalício em 1976, quando já era Bispo de Fortaleza e Presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). A essa época, foi, também, Vice-Presidente e Presidente do Conselho Episcopal Latino-Americano (CELAM).

Em 1995, depois de atravessar muitas tempestades, ao longo de sua vida, na defesa dos fracos e oprimidos, D. Aloísio foi nomeado Cardeal Arcebispo de Aparecida do Norte, a capital da fé católica no Brasil. Foi seu último posto pastoral, nele permanecendo até se retirar da vida pública, em 2004, com a renúncia ao arcebispado de Aparecida. A gratidão pelos inestimáveis serviços prestados à Igreja e ao seu povo foi a outorga do título honorífico de Bispo Emérito de Aparecida.

Como rezava a tradição dos conventos franciscanos, o jovem Leo Arlindo adotou o nome de Frei Aloísio, quando iniciou sua formação sacerdotal, em 1944. Sob o nome de Aloísio Lorscheider iria marcar decisivamente a história do Brasil nos 60 anos seguintes.

Como Bispo de Fortaleza e Presidente da CNBB, em 2 mandatos sucessivos, de 1971 a 1978, promoveu campanha pela reforma agrária e pelo fim dos conflitos no campo. Infelizmente, morreu sem ver seu sonho de justiça agrária realizado neste País. Como acontece com todos os que lutam pela justiça no campo no Brasil, recebeu inúmeras ameaças de morte, que em instante algum o demoveram de sua luta.

Seu destemor na missão que escolheu para a vida pode ser avaliado pela atitude que tomou depois de ser feito refém pelos detentos de um presídio na Grande Fortaleza, quando realizava visita pastoral. Libertado 18 horas depois de ser capturado, D. Aloísio voltou ao mesmo presídio para realizar a mais importante cerimônia de demonstração de humildade do calendário religioso católico: o ritual do lava-pés. Lavou os pés de 12 detentos, repetindo o gesto de Cristo 2000 atrás.

Sras. e Srs. Parlamentares, exemplos de vida como os de D. Aloísio Lorscheider devem ser cultuados na memória nacional. São eles os únicos capazes de construir a identidade da Nação brasileira. Bravura cívica, firmeza de princípios, retidão de caráter. Esses são os atributos fundamentais para a construção dos brasileiros que queremos ser e nos transformar.

O falecimento de D. Aloísio não pode servir para o esquecimento de sua obra. Deve, ao contrário, permitir sua divulgação.

Rendo, desta tribuna, as merecidas homenagens a D. Aloísio Lorscheider, Arcebispo Emérito de Aparecida, que foi, antes de tudo, um brasileiro que

dedicou sua vida ao Brasil e a sua gente. Que nossa Pátria saiba reverenciar sua memória e perpetuar seu exemplo de civismo e de amor ao próximo.

Era o que tinha a dizer.

O SR. ROMEU TUMA (DEM-SP. Sem apanhamento taquigráfico) – Sr. Presidente, Deputado Osmar Serraglio; Sras. e Srs. Senadores; Sras. e Srs. Deputados; Cardeal D. José Falcão, Arcebispo Emérito de Brasília; D. Raymundo Damasceno Assis, Arcebispo de Aparecida; Frei João Inácio Müller, senhoras e senhores, quem pesquisa as atividades do Congresso Nacional sensibiliza-se com a quantidade de homenagens parlamentares prestadas ao insigne Cardeal D. Aloísio Lorscheider, seja ainda em vida, seja após sua morte.

Desde pelo menos a década de 70 do século XX, a existência desse que foi um dos mais eminentes preladados da Igreja Católica – o único cardeal brasileiro a ser voltado para o posto de Papa em toda História – tem sido esquadrihada e enaltecida por Senadores e Deputados das mais diversas confissões religiosas e filiações políticas.

Todavia, sem dúvida, esta sessão solene conjunta do Senado Federal e da Câmara dos Deputados constitui a candente síntese de tudo quanto foi feito até agora, no âmbito parlamentar, para que não se desvançam no tempo a memória e o exemplo de D. Aloísio Leo Arlindo Lorscheider, sacerdote, frade franciscano e cardeal, nascido no Rio Grande do Sul e falecido aos 83 anos de idade, depois de exercer importantes cargos com impressionante dedicação e competência.

Foi bispo de Santo Ângelo, em seu Estado natal; Arcebispo de Fortaleza, no Ceará, e de Aparecida, sua última sede, onde permaneceu até março de 2004; Secretário-Geral e Presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil – CNBB; Presidente do Conselho Episcopal Latino-Americano – CELAM e da Cáritas Internacional; e um dos Presidentes da 3ª Conferência Geral dos Bispos da América Latina e do Caribe, em Puebla, no ano de 1979.

No primeiro conclave do ano de 1978, o Cardeal Albino Luciani votou várias vezes em D. Aloísio Lorscheider para assumir o Papado, antes de ele mesmo ser eleito e escolher o nome João Paulo I para exercer o pontificado.

Aliás, na mensagem de pêsames que enviou ao Brasil logo após o falecimento de D. Aloísio, no ano passado, o Papa Bento XVI destacou sua “*constante e generosa dedicação*” à Igreja.

Realmente, a trajetória de D. Aloísio mostra-se plena de episódios notáveis, mesmo porque o ilustre dignitário marcou presença em momentos cruciais da

vida nacional, principalmente para pugnar pelos direitos humanos e pela liberdade. Foi assim também que, por exemplo, se posicionou à frente das Comunidades Eclesiais de Base, desde os primórdios desse movimento no início da década de 60 do século passado.

Seu destemor e firmeza de caráter ficaram mais que evidentes quando, em 15 de março de 1994, protagonizou acontecimento destinado a colocar o País em suspense. Feito refém durante uma rebelião contra as condições carcerárias do Instituto Penal Paulo Sarasate, no Ceará, pediu aos presos para ser o último libertado. Além disso, negociou a libertação dos demais reféns e o fim do motim. No dia seguinte, declarou à imprensa:

“Para mim, aumentou o amor por essa gente, e a necessidade de dedicar-me mais ainda aos presidiários, que são os excluídos da sociedade”.

Até sua renúncia ao cargo de Arcebispo da Arquidiocese de Aparecida devido à idade, em 2004, está registrada nos Anais do Senado Federal, graças ao voto de louvor que lhe endereçamos à época. Mesmo assim, continua importante lembrar sua obra e seus méritos, o que, por certo, também será feito pelas futuras gerações. Devemos, por exemplo, dedicar especial atenção às palavras do padre Ermanno Allegri, sacerdote italiano naturalizado brasileiro desde 1974 e que com ele trabalhou na Diocese de Fortaleza durante 7 anos. Ressaltam que *“D. Aloísio representa o sentido humano, como Cristo representava o humano e o divino ao mesmo tempo.”*

E destacam:

“Na Igreja, deveriam existir mais pessoas com essa coragem e essa clareza, que não vêm de ingenuidade ou de irresponsabilidade, mas sim de um olhar teológico e uma sensibilidade humana fora do comum, como a que cercava a vida de D. Aloísio”.

Outro sacerdote capaz de, mercê da convivência, definir a personalidade de D. Aloísio é o padre jesuíta Mário de França Miranda, mestre em Teologia pela Faculdade de Teologia da Universidade de Innsbruck, Áustria, doutor na mesma área pela Universidade Gregoriana, da Itália, e professor na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Diz ele:

“Acabei trabalhando muito próximo a D. Aloísio Lorscheider porque seu vigor de pensamento e sua abertura teológica logo me cativaram. Elaboramos textos juntos, e aí fiquei fascinado com sua ampla visão do cristianismo:

equilibrada, bem fundamentada, aliada a uma profunda humildade. Certa vez, eu lhe ditava um texto que havia escrito em português e, para meu espanto, olhando por cima da máquina de escrever, notei que ele já o batia em latim, e num ótimo latim!”

Quando indagado sobre as características pessoais de D. Aloísio que, a seu ver, mereceriam maior destaque, o padre e doutor foi categórico:

“Três palavras sintetizam o que quero expressar, embora não saiba se o conseguirei adequadamente: Evangelho, igreja e pobres.

D. Aloísio sempre me pareceu um cristão profundamente impregnado dos valores evangélicos, valores estes hauridos e assimilados através da espiritualidade de São Francisco de Assis. Daqui provém sua simplicidade, sua humildade, sua facilidade de trato com os mais simples, sua liberdade interior diante da fama, das honras e do poder que ele, de fato, tem na Igreja e na sociedade. Daqui também brota sua sensibilidade espontânea pelos valores evangélicos que o levam a sintonizar logo com as pessoas que também os vivem.

Sempre vi nele um autêntico homem da Igreja, todo entregue, apesar de seus problemas de coração, às importantes tarefas de que foi encarregado. Não esqueçamos que D. Aloísio foi o relator dos Sínodos durante o pontificado de Paulo VI, que lhe tinha grande confiança e estima. Mencionemos ainda sua colaboração intensa na CNBB e no CELAM como presidente dessas instituições. Sua fidelidade e sua dedicação à Igreja não esmorecem, mesmo quando tem de sofrer por parte de alguns membros desta Igreja. Sabe calar-se, procurando sempre salvar a reputação alheia”.

Relativamente à terceira palavra – pobres -, o padre Miranda destaca a *“sensibilidade humana e cristã diante do sofrimento alheio, sua coragem em denunciar as causas da injustiça”*, mesmo nas circunstâncias mais difíceis. E ressalta *“sua atenção ao pequeno, ao anônimo, ao insignificante para o mundo, quebrando protocolos, reputações, dificultando seu relacionamento com autoridades do Vaticano, levando-o a se envolver em problemas sempre que o mais fraco estivesse em desvantagem. Tudo isto reflete o que busco expressar, embora imperfeitamente com esse vocábulo “pobres”. Não podemos deixar de mencionar que seu*

amor aos mais pobres transformou o Santuário de Aparecida realmente numa Igreja dos pobres. Como arcebispo dessa arquidiocese, soube criar uma infra-estrutura nessa basílica que possibilita aos peregrinos mais pobres se sentirem em casa, quando vão rezar à padroeira do Brasil, à Senhora Aparecida.”

Finalmente, após frisar que, “*sem perder calma, mas demonstrando coragem e lucidez, D. Aloísio soube tomar a palavra quando se fazia necessário, sendo respeitado mesmo pelos detentores do poder*”, o sacerdote afirmou:

“Foi um tempo áureo da Igreja do Brasil que impressionava outras Igrejas por suas tomadas de posição e seus documentos, muitos deles traduzidos em várias línguas. Por outro lado, embora sem provocar muito ruído da grande imprensa, D. Aloísio sempre está atento à formação na fé, às diversas pastorais da Igreja, ao ecumenismo, à carência crônica de sacerdotes, à formação espiritual de religiosas, ao cuidado com seus presbíteros, sendo um autêntico pastor. Ele sempre participou de muitos retiros por todo este Brasil, proferiu palestras teológicas em muitos institutos de formação e soube falar ao nosso povo simples com profundidade espiritual e grande simplicidade”.

Pois bem, Sr. Presidente, Sras. e Srs. Senadores. Nada mais justo que esta homenagem a personalidade tão exemplar. A exposição de sua biografia com tanta propriedade pelos meus brilhantes antecessores nesta tribuna torna irrelevante a repetição de tais dados. Todavia, desejo reproduzi-los em parte para que constem deste pronunciamento, em adendo ao que acabo de dizer. Atenho-me, como fonte, aos registros da mais conhecida enciclopédia da Internet, a Wikipédia.

D. Aloísio Leo Arlindo Lorscheider nasceu a 8 de outubro de 1924, em Picada Geraldo, Estrela, no Rio Grande do Sul, filho de José Aloysio Lorscheider e Verônica Gerhardt Lorscheider.

Cursou o primário em Picada Winck, Lajeado, além de Palanque e Venâncio Aires. Ingressou, em 1934, no seminário dos padres franciscanos em Taquari, onde fez os cursos ginasial e colegial.

Em 1942, sucederam-se o noviciado e o primeiro ano de Filosofia no Convento São Boaventura, em Daltro Filho e Garibaldi. Dois anos depois, houve transferência para o Convento Santo Antônio, em Divinópolis, Minas Gerais, onde terminou os cursos de Filosofia e de Teologia. Passou a adotar o nome religioso de Frei Aloísio, que conservou por toda a vida.

Foi ordenado sacerdote a 22 de agosto de 1948, em Divinópolis, e, nessa condição, lecionou latim, alemão e matemática no Seminário Seráfico, em Taquari. No final do mesmo ano, seguiu para Roma, ao Pontifício Ateneo Antoniano, para se especializar em Teologia Dogmática. No mês de junho de 1952, defendeu sua tese doutoral, sendo promovido com a nota máxima: *summa cum laude*.

Regressando de Roma, tornou a lecionar no Seminário Seráfico, em Taquari, até ser nomeado, em 1953, professor de Teologia Dogmática no Convento Santo Antonio, em Divinópolis.

Durante 6 anos, ensinou Teologia e ocupou sucessivamente os cargos de Comissário Provincial da Ordem Franciscana Secular, Conselheiro Provincial e Mestre dos Estudantes de Teologia e dos Candidatos ao estado de Irmão Franciscano. Além de Teologia Dogmática, lecionou Liturgia, Espiritualidade e Ação Católica, e foi assistente do Círculo Operário Divinopolitano.

Em 1958, tomou parte no Congresso Mariológico Internacional, em Lourdes, na França. No mesmo ano, chamaram-no a Roma para lecionar Teologia Dogmática no Pontifício Ateneo Antoniano.

Em 1959, foi nomeado Visitador-Geral para a Província Franciscana em Portugal. No mesmo ano, de volta da visita canônica, recebeu o encargo de Mestre dos Padres Franciscanos, estudantes nas várias Universidades de Roma.

No dia 3 de fevereiro de 1962, o Papa João XXIII nomeou-o bispo da recém-criada Diocese de Santo Ângelo. A 20 de maio, recebeu ordenação episcopal na Catedral Metropolitana de Porto Alegre. Adotou como lema de seu episcopado *In cruce salus et vita* (Na Cruz, a Salvação e a Vida). E, em 12 de junho, tomou posse na Diocese para, durante 11 anos, ser o seu bispo diocesano.

Em novembro de 1963, a Assembléia do Concílio Vaticano II elegeu-o membro das Comissões Conciliares, nomeadamente para a Secretaria de União dos Cristãos. Tomou parte como “padre conciliar” de todas as sessões do Concílio Vaticano II, de 1962 a 1965.

A partir de 1968, pertenceu ao quadro dos dirigentes da CNBB como Secretário – Geral e Presidente duas vezes consecutivas, de 1971 a 1975 e de 1975 a 1978.

Em 1972, recebeu a Vice-Presidência do Conselho Episcopal Latino-Americano CELAM para a qual foi reeleito 3 anos depois. Em 1976, assumiu a presidência desse organismo, em face da transferência do titular D. Eduardo Perônio, Bispo de Mar del Plata e nomeado cardeal, para a Prefeitura da Congregação dos Religiosos com sede no Vaticano.

Foi eleito Vice-Presidente da Cáritas Internacional e reeleito em 1972, assumindo a presidência em fevereiro de 1974, devido à enfermidade de Monsenhor Vath, o Presidente, falecido em 1976.

Em 4 de abril de 1973, o Papa Paulo VI nomeou o Arcebispo de Fortaleza. No dia 5 de agosto seguinte, tomou posse nessa Arquidiocese.

No dia 24 de abril de 1976, Paulo VI elevou-o a cardeal, e, em 24 de maio, D. Aloísio recebeu a investidura do cardinalato com o título de São Pedro “in Montorio”. Tomou parte nos 2 conclaves, em 1978, que elegeram os Papas João Paulo I e João Paulo II.

Em 1995, com problemas cardíacos, solicitou ao Papa João Paulo II transferência para uma diocese menor. Atendido, seguiu de Fortaleza para a Arquidiocese de Aparecida, assumindo-a em 18 de agosto do mesmo ano.

Em maio de 1996, em Guadalajara, no México, participou do II Encontro de Presidentes da Comissão Episcopal de Doutrina – CED.

Em 1997, recebeu o pálio das mãos do Papa João Paulo II. No mesmo ano, fez parte do Sínodo dos Bispos para a América.

A Wikipédia destaca ter D. Aloísio dedicado “*particular atenção ao clero, no qual procurou desenvolver um profundo sentido de comunhão eclesial e um singular impulso apostólico. A sua atividade junto aos organismos da Santa Sé foi intensa. Participou de todas as assembléias ordinárias do Sínodo dos Bispos, distinguindo-se nas suas intervenções devido à solidez da doutrina e à prudência pastoral. Sagrou 10 bispos e ordenou inúmeros sacerdotes.*”

Em 2000, com 76 anos, anunciou sua renúncia, uma vez que, pelas regras da Igreja Católica, era obrigado a renunciar ao cargo por ter passado dos 75 anos. Afirmou, na ocasião, que, se fosse por vontade própria, continuaria em Aparecida.

Em 28 de janeiro de 2004, recebeu a notícia da aceitação da renúncia. No dia 25 de março seguinte, entregou a Arquidiocese a D. Raymundo Damasceno Assis. Tornou-se, assim, Arcebispo Emérito de Aparecida.

Em seguida, retornou para o Convento dos Franciscanos, em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, onde passou os últimos dias. Faleceu às 5h30 de 23 de dezembro de 2007, no Hospital São Francisco, em Porto Alegre, onde se internara quase um mês antes.

Portanto, Sr. Presidente, Sras. e Srs. Congressistas, reverenciamos legitimamente, mais uma vez, o brasileiro ilustre, o sacerdote autêntico, o dignitário religioso e líder que deixou profundas marcas na história da Igreja Católica no Brasil e cuja morte, ainda hoje, quase 3 meses após o passamento, continua a comover tantos quantos, como eu, lhe dedicavam respeito e admiração.

Muito obrigado. (*Palmas.*)

O SR. PRESIDENTE (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – Na condição de Deputado do interior do Paraná, mas oriundo do Rio Grande do Sul, não preciso dizer da alegria com que ouvi os testemunhos seguidos daqueles que tiveram o privilégio de ter compartilhado de momentos tão importantes da vida desse que hoje estamos homenageando, D. Aloísio Lorscheider.

Nós invocamos tanto a Deus hoje, através até do seu missionário, que, tivesse eu o dom divino de reter o tempo, eu atenderia o grande Senador Pedro Simon, que postulou que não encerrássemos jamais este momento feliz em que estamos rememorando os exemplos e os ensinamentos do nosso grande homenageado, D. Aloísio Lorscheider. Mas as contingências humanas nos compelem a que encerremos esta solenidade.

Não quero fazê-lo sem antes cumprimentar o Senador Tasso Jereissati, a Senadora Patrícia Saboya, o Senador Pedro Simon, o Deputado cearense Mauro Benevides, por terem permitido que o Brasil, conosco, não só tivesse a alegria de se enriquecer com os sucessivos pronunciamentos que hoje tivemos a oportunidade de ouvir, mas, acima de tudo, de ver que as homenagens aos nossos maiores, realmente, também nos trazem oportunidade de reavivarmos os nossos sentimentos cristãos.

Para mim foi um privilégio enorme estar com as altas autoridades da Igreja Católica, com Senadores, com Deputados e com todos aqueles que aqui vieram para, irmanados, prestarmos essa homenagem oficial dos políticos e dos integrantes da comunidade religiosa a esse grande exemplo que foi D. Aloísio Lorscheider.

Ao encerrar a sessão, a Presidência agradece às autoridades civis, militares, diplomáticas e religiosas que nos honraram com suas presenças.

Está encerrada a sessão. (*Palmas.*)

REPRESENTAÇÃO BRASILEIRA NO PARLAMENTO DO MERCOSUL

COMPOSIÇÃO

18 Titulares (9 Senadores e 9 Deputados) e 18 Suplentes (9 Senadores e 9 Deputados)

Designação: 27/04/2007

Presidente: Senador Geraldo Mesquita Júnior (PMDB-AC)²

Vice-Presidente: Deputado George Hilton (PP-MG)²

Vice-Presidente: Deputado Claudio Diaz (PSDB-RS)²

SENADORES

TITULARES	SUPLENTES
Maioria (PMDB)	
PEDRO SIMON (PMDB/RS)	1. NEUTO DE CONTO (PMDB/SC)
GERALDO MESQUITA JÚNIOR (PMDB/AC)	2. VALDIR RAUPP (PMDB/RO)
DEM	
EFRAIM MORAIS (DEM/PB)	1. ADELMIR SANTANA (DEM/DF)
ROMEU TUMA (PTB/SP)	2. RAIMUNDO COLOMBO (DEM/SC)
PSDB	
MARISA SERRANO (PSDB/MS)	1. EDUARDO AZEREDO (PSDB/MG)
PT	
ALOIZIO MERCADANTE (PT/SP)	1. FLÁVIO ARNS (PT/PR)
PTB	
SÉRGIO ZAMBIASI (PTB/RS)	1. FERNANDO COLLOR (PTB/AL)
PDT	
CRISTOVAM BUARQUE (PDT/DF)	1. JEFFERSON PÉRES (PDT/AM)
PCdoB	
INÁCIO ARRUDA (PCdoB/CE)	1.

DEPUTADOS

TITULARES	SUPLENTES
PMDB/PT/PP/PR/PTB/PSC/PTC/PTdoB	
CEZAR SCHIRMER (PMDB/RS)	1. ÍRIS DE ARAÚJO (PMDB/GO)
DR. ROSINHA (PT/PR)	2. NILSON MOURÃO (PT/AC)
GEORGE HILTON (PP/MG)	3. RENATO MOLLING (PP/RS)
MAX ROSENMANN (PMDB/PR)	4. VALDIR COLATTO (PMDB/SC)
PSDB/DEM/PPS	
CLAUDIO DIAZ (PSDB/RS)	1. FERNANDO CORUJA (PPS/SC)
GERALDO RESENDE (PMDB/MS)	2. ANTONIO CARLOS PANNUNZIO ³ (PSDB/SP)
GERMANO BONOW (DEM/RS)	3. (Vago) ¹
PSB/PDT/PCdoB/PMN/PAN	
BETO ALBUQUERQUE (PSB/RS)	1. VIEIRA DA CUNHA (PDT/RS)
PV	
JOSÉ PAULO TÓFFANO (PV/SP)	1. DR. NECHAR (PV/SP)

(Atualizada em 8.2.2008)

Secretaria: Câmara dos Deputados - Anexo II - Sala T/28 – 70160-900 Brasília – DF / Brasil

Fones: (55) 61 3216-6871 / 6878 Fax: (55) 61 3216-6880

e-mail: cpcm@camara.gov.br

www.camara.gov.br/mercosul

² Eleito em 14.8.07, para o biênio 2007-2008.

³ Indicado conforme Of. PSDB nº 856/07, de 28.11.07, do Líder do PSDB, Dep Antonio Carlos Pannunzio, lido na Sessão do SF de 19.12.07

¹ Vago em virtude do falecimento do Deputado Júlio Redecker (PSDB-RS), ocorrido em 17.07.2007.

CONGRESSO NACIONAL
COMISSÃO MISTA DE CONTROLE DAS ATIVIDADES DE
INTELIGÊNCIA

(Art. 6º da Lei nº 9.883, de 1999)

COMPOSIÇÃO

CÂMARA DOS DEPUTADOS	SENADO FEDERAL
<u>LÍDER DA MAIORIA</u> HENRIQUE EDUARDO ALVES PMDB-RN	<u>LÍDER DA MAIORIA</u> VALDIR RAUPP PMDB-RO
<u>LÍDER DA MINORIA</u> ZENALDO COUTINHO PSDB-PA	<u>LÍDER DO BLOCO PARLAMENTAR DA MINORIA</u> DEMÓSTENES TORRES DEM-GO
<u>PRESIDENTE DA COMISSÃO DE RELAÇÕES EXTERIORES E DEFESA NACIONAL</u> MARCONDES GADELHA PSB-PB	<u>PRESIDENTE DA COMISSÃO DE RELAÇÕES EXTERIORES E DEFESA NACIONAL</u> HERÁCLITO FORTES DEM-PI

(Atualizada em 6.3.2008)

SECRETARIA-GERAL DA MESA
Secretaria de Apoio a Conselhos e Órgãos do Parlamento (SCOP)
Senado Federal – Anexo II - Térreo
Telefones: 3311-5255 e 3311- 4561
scop@senado.gov.br
www.senado.gov.br/ccai

CONGRESSO NACIONAL
CONSELHO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

(13 titulares e 13 suplentes)

(Criado pela Lei nº 8.389, de 30 de dezembro de 1991)

(Regimento Interno aprovado nos termos do Ato da Mesa nº 1, de 2004)

Presidente:

Vice-Presidente:

LEI Nº 8.389/91, ART. 4º	TITULARES	SUPLENTES
Representante das empresas de rádio (inciso I)		
Representante das empresas de televisão (inciso II)		
Representante de empresas da imprensa escrita (inciso III)		
Engenheiro com notório conhecimento na área de comunicação social (inciso IV)		
Representante da categoria profissional dos jornalistas (inciso V)		
Representante da categoria profissional dos radialistas (inciso VI)		
Representante da categoria profissional dos artistas (inciso VII)		
Representante das categorias profissionais de cinema e vídeo (inciso VIII)		
Representante da sociedade civil (inciso IX)		
Representante da sociedade civil (inciso IX)		
Representante da sociedade civil (inciso IX)		
Representante da sociedade civil (inciso IX)		
Representante da sociedade civil (inciso IX)		

1ª Eleição Geral: Sessão do Congresso Nacional de 5.6.2002

2ª Eleição Geral: Sessão do Congresso Nacional de 22.12.2004

SECRETARIA-GERAL DA MESA DO SENADO FEDERAL
Secretaria de Apoio a Conselhos e Órgãos do Parlamento (SCOP)
Senado Federal – Anexo II - Térreo
Telefones: (61) 3311-4561 e 3311-5258
scop@senado.gov.br - www.senado.gov.br/ccs

CONGRESSO NACIONAL

CONSELHO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

(Criado pela Lei nº 8.389, de 30 de dezembro de 1991)
(Regimento Interno aprovado nos termos do Ato da Mesa nº 1, de 2004)

COMISSÕES DE TRABALHO

01 – COMISSÃO DE REGIONALIZAÇÃO E QUALIDADE DA PROGRAMAÇÃO E DE RADIODIFUSÃO COMUNITÁRIA¹

02 – COMISSÃO DE TECNOLOGIA DIGITAL

03 – COMISSÃO DE TV POR ASSINATURA

04 – COMISSÃO DE MARCO REGULATÓRIO

05 – COMISSÃO DE LIBERDADE DE EXPRESSÃO

SECRETARIA-GERAL DA MESA DO SENADO FEDERAL
Secretaria de Apoio a Conselhos e Órgãos do Parlamento (SCOP)
Senado Federal – Anexo II - Térreo
Telefones: (61) 3311-4561 e 3311-5258
scop@senao.gov.br
www.senado.gov.br/ccai

¹ Constituída na 11ª Reunião do CCS, de 5.12.2005, como união da Comissão de Regionalização e Qualidade da Programação com a Comissão de Radiodifusão Comunitária. Todos os membros de cada uma das duas comissões originais foram considerados membros da nova comissão. Aguardando escolha do coordenador (art. 31, § 5º, do Regimento Interno do CCS).

CONSELHO DA ORDEM DO CONGRESSO NACIONAL

(Criado pelo Decreto Legislativo nº 70, de 23.11.1972)

(Regimento Interno baixado pelo Ato nº 1, de 1973-CN)

COMPOSIÇÃO

Grão-Mestre: Presidente do Senado Federal

Chanceler: Presidente da Câmara dos Deputados

MESA DA CÂMARA DOS DEPUTADOS	MESA DO SENADO FEDERAL
<u>PRESIDENTE</u> Deputado Arlindo Chinaglia (PT-SP)	<u>PRESIDENTE</u> Senador Garibaldi Alves Filho (PMDB-RN)
<u>1º VICE-PRESIDENTE</u> Deputado Narcio Rodrigues (PSDB-MG)	<u>1º VICE-PRESIDENTE</u> Senador Tião Viana (PT-AC)
<u>2º VICE-PRESIDENTE</u> Deputado Inocêncio Oliveira (PR-PE)	<u>2º VICE-PRESIDENTE</u> Senador Alvaro Dias (PSDB-PR)
<u>1º SECRETÁRIO</u> Deputado Osmar Serraglio (PMDB-PR)	<u>1º SECRETÁRIO</u> Senador Efraim Morais (DEM-PB)
<u>2º SECRETÁRIO</u> Deputado Ciro Nogueira (PP-PI)	<u>2º SECRETÁRIO</u> Senador Gerson Camata (PMDB-ES)
<u>3º SECRETÁRIO</u> Deputado Waldemir Moka	<u>a (PMDB-MS)_____</u>
<u>4º SECRETÁRIO</u> Deputado José Carlos Machado (DEM-SE)	<u>4º SECRETÁRIO</u> Senador Magno Malta (PR-ES)
<u>LÍDER DA MAIORIA</u> Deputado Henrique Eduardo Alves (PMDB-RN)	<u>LÍDER DA MAIORIA</u> Senador Valdir Raupp (PMDB-RO)
<u>LÍDER DA MINORIA</u> Deputado Zenaldo Coutinho (PSDB-PA)	<u>LÍDER DO BLOCO PARLAMENTAR DA MINORIA</u> Senador Demóstenes Torres (DEM-GO)
<u>PRESIDENTE DA COMISSÃO DE CONSTITUIÇÃO E JUSTIÇA E DE CIDADANIA</u> Deputado Eduardo Cunha (PMDB-RJ)	<u>PRESIDENTE DA COMISSÃO DE CONSTITUIÇÃO, JUSTIÇA E CIDADANIA</u> Senador Marco Maciel (DEM-PE)
<u>PRESIDENTE DA COMISSÃO DE RELAÇÕES EXTERIORES E DE DEFESA NACIONAL</u> Deputado Marcondes Gadelha (PSB-PB)	<u>PRESIDENTE DA COMISSÃO DE RELAÇÕES EXTERIORES E DEFESA NACIONAL</u> Senador Heráclito Fortes (DEM-PI)

(Atualizada em 6.3.2008)

SECRETARIA-GERAL DA MESA

Secretaria de Apoio a Conselhos e Órgãos do Parlamento (SCOP)

Senado Federal – Anexo II - Térreo

Telefones: 3311-5258 e 3311-4561

scop@senado.gov.br



**PODER LEGISLATIVO
SENADO FEDERAL
SERVIÇO DE ADMINISTRAÇÃO ECONÔMICO-FINANCEIRA**

**DIÁRIO DO CONGRESSO NACIONAL
PREÇO DE ASSINATURA**

SEMESTRAL

Diário do Senado Federal ou Diário da Câmara dos Deputados – s/o porte (cada)	R\$ 58,00
Porte do Correio	R\$ 488,40
Diário do Senado Federal ou Diário da Câmara dos Deputados – c/o porte (cada)	R\$ 546,40

ANUAL

Diário do Senado Federal ou Diário da Câmara dos Deputados – s/o porte (cada)	R\$ 116,00
Porte do Correio	R\$ 976,80
Diário do Senado Federal ou Diário da Câmara dos Deputados – c/o porte (cada)	R\$ 1.092,80

NÚMEROS AVULSOS

Valor do Número Avulso	R\$ 0,50
Porte Avulso	R\$ 3,70

ORDEM BANCÁRIA

UG – 020055	GESTÃO – 00001
--------------------	-----------------------

Os pedidos deverão ser acompanhados de **Nota de empenho**, a favor do **FUNSEEP** ou fotocópia da **Guia de Recolhimento da União-GRU**, que poderá ser retirada no SITE: <http://consulta.tesouro.fazenda.gov.br/gru/gru-simples.asp> **Código de Recolhimento apropriado e o número de referência: 20815-9 e 00002** e o código da Unidade Favorecida – **UG/GESTÃO: 020055/00001** preenchida e quitada no valor correspondente à quantidade de assinaturas pretendidas e enviar a esta Secretaria.

OBS: NÃO SERÁ ACEITO CHEQUE VIA CARTA PARA EFETIVAR ASSINATURA DOS DCN'S.

Maiores informações pelo telefone (0XX-61) 3311-3803, FAX: 3311-1053, Serviço de Administração Econômica Financeira/Controle de Assinaturas, falar com, Mourão ou Solange.

Contato internet: 3311-4107

**SECRETARIA ESPECIAL DE EDITORAÇÃO E PUBLICAÇÕES
PRAÇA DOS TRÊS PODERES, AV. N/2, S/Nº – BRASÍLIA-DF
CNPJ: 00.530.279/0005-49 CEP 70 165-900**



EDIÇÃO DE HOJE: 32 PÁGINAS